

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**INSTITUTO DE ARTES E DESIGN**  
**CURSO DE BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL**

**Yago Navarro**

**O LADO OCULTO DE UM CRIME:** pontes ocultas entre o cinema e teatro

Juiz de Fora

2021

**Yago Navarro**

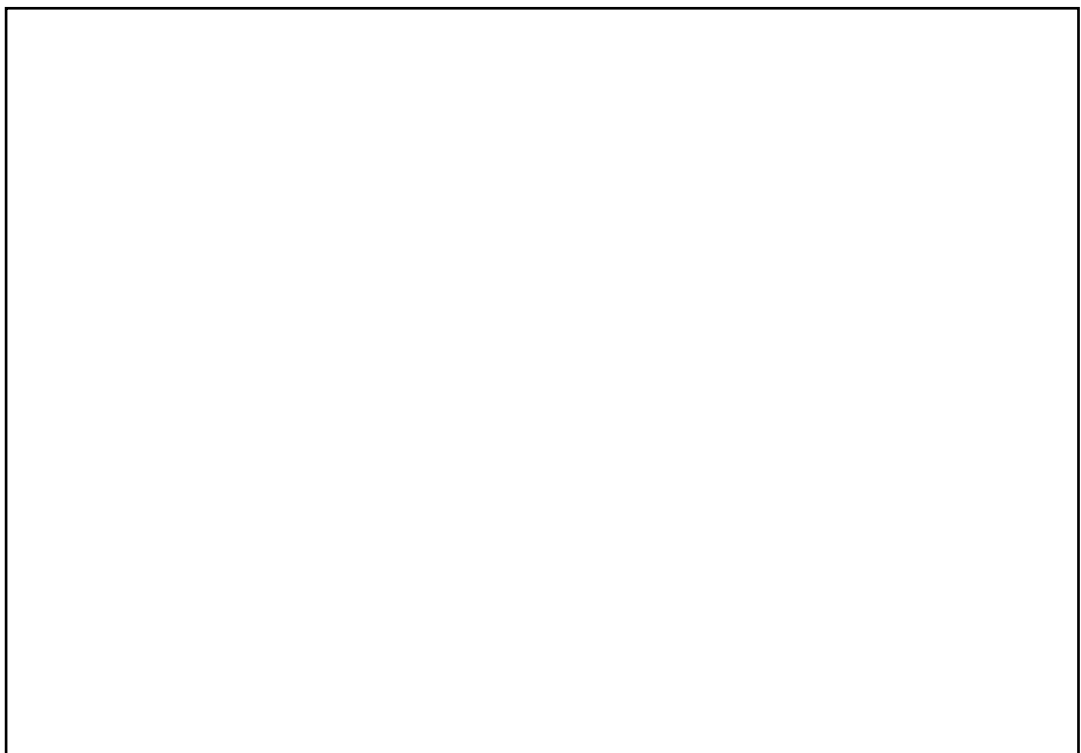
**O LADO OCULTO DE UM CRIME:** pontes ocultas entre o cinema e teatro

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientador: Sérgio José Puccini Soares

Juiz de Fora

2021



## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

Aos 10 dias do mês de setembro do ano de 2021, às 16:00h horas, por webconferência, conforme Resolução nº 10/2020-CONSU/UFJF (que suspende as atividades acadêmicas presenciais na universidade) e Resolução 24/2020-CONSU/UFJF (que autoriza, em caráter excepcional, a realização de orientações e apresentações finais de Trabalhos de Conclusão de Curso de forma remota), ocorreu a Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), requisito da disciplina ART314 - TCC, apresentada pelo aluno Yago Navarro, matrícula 201166247B, tendo como título *O lado oculto de um crime: pontes ocultas entre cinema e teatro*.

Constituíram a Banca Examinadora os Professores:

Sergio Jose Puccini Soares, orientador, (doutor, UFJF)

Professor(a) Luis Alberto Rocha Melo, examinador (doutor, UFJF)

Professor(a) Luiz Carlos Gonçalves de Oliveira Junior, examinador (doutor, UFJF)

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, definiu-se que o trabalho foi considerado:

(X) APROVADO ( ) REPROVADO. Com nota 80 (oitenta).

Eu, Sérgio J. Puccini Soares, Professor – Orientador, lavrei a presente ata que segue assinada por mim e pelos demais membros da Banca Examinadora, comprometendo-me em informar a nota do aluno no SIGA UFJF o mais breve possível.

\_\_\_\_\_  
PROFESSOR(A) NOME COMPLETO – ORIENTADOR(A)

\_\_\_\_\_  
PROFESSOR(A) NOME COMPLETO – EXAMINADOR(A)

\_\_\_\_\_  
PROFESSOR(A) NOME COMPLETO – EXAMINADOR(A)

\* Todos os membros da banca e o discente participaram remotamente da sessão e a acompanharam na sua integralidade.

\*\* Os membros da banca deram anuência para que o Presidente da banca assinasse por eles.

A todos que serviram de fonte de inspiração

Ao teatro, que me deu tanto

À vida

E a todos que acreditam que tudo é possível

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, Edina e Elcio, por sempre me incentivarem a dar o meu melhor e por sempre me apoiarem em tudo que fiz e pretendo fazer. Também agradeço a minha irmã, Melyssa, pelo amor e apoio constante.

Aos meus amigos, que estiveram comigo durante essa longa jornada no teatro que se iniciou em 2012. Sem vocês esse trabalho nunca teria saído do papel.

Agradeço, também, aos professores do Instituto de Artes e Design da UFJF, principalmente aos professores do curso de Cinema e Audiovisual, por todo o conhecimento transmitido, permitindo que esse trabalho fosse realizado. Em especial, agradeço ao meu orientador Sérgio José Puccini Soares pelo auxílio no desenvolvimento deste projeto.

## **RESUMO**

O roteiro cinematográfico de ‘‘O lado oculto de um crime’’ é um suspense dramático que apresenta um lar corrompido e os efeitos psicológicos em seus personagens. A narrativa densa pretende apreender a atenção do leitor, através dos conflitos e dos dilemas enfrentados pelos personagens, e pelo surpreendente desfecho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Roteiro. Drama. Suspense.

## **ABSTRACT**

The film script for "O lado oculto de um crime" is a dramatic thriller that features a corrupt home and the psychological effects on its characters. The dense narrative intends to capture the reader's attention, through the conflicts and dilemmas faced by the characters, and the surprising outcome.

**KEYWORDS:** Script. Drama. Thriller.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2 OCULTO: A ORIGEM DA IDEIA</b>	<b>9</b>
<b>3 TEATRO &amp; CINEMA</b>	<b>13</b>
<b>4 ADAPTAÇÃO</b>	<b>16</b>
<b>5 INSPIRAÇÕES</b>	<b>20</b>
<b>5.1 PSICOSE</b>	<b>20</b>
<b>5.2 CLUBE DA LUTA</b>	<b>21</b>
<b>6 TRANSTORNO DISSOCIATIVO DE IDENTIDADE</b>	<b>22</b>
<b>7 CONCLUSÃO</b>	<b>24</b>
<b>ROTEIRO</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>92</b>

## 1 INTRODUÇÃO

“O lado oculto de um crime: pontes ocultas entre o cinema e teatro” é o roteiro realizado como trabalho de conclusão para o curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Escrito por mim, o roteiro é baseado em uma peça de teatro de mesmo nome, também escrita e montada por mim.

A relação entre o cinema e o teatro tem uma ligação muito profunda nesse projeto, devido ao meu longo envolvimento nas artes cênicas, que se alastrou para dentro do cinema. O roteiro não foi só o primeiro texto que eu escrevi para o teatro, como também é o primeiro roteiro que escrevo. Todo o processo consistiu em um desafio único e extremamente enriquecedor.

O presente trabalho propõe relatar os detalhes da minha criação, incluindo minhas influências, e os desafios de adaptar um roteiro teatral para o cinema. Irei expor os detalhes desse processo, tendo em mente as particularidades do projeto e os caminhos escolhidos desde a concepção até o resultado final.

## **2 OCULTO: A ORIGEM DA IDEIA**

O roteiro cinematográfico de “O lado oculto de um crime” originou de uma cena curta teatral de 12 minutos escrita e dirigida por mim, para o 7º Festival de Cenas Curtas de Juiz de Fora, sediado no CCBM, em novembro de 2015.

A cena curta, que originalmente se chamava apenas “Oculto”, é um fragmento da história, e contava sobre dois jovens que fogem após cometerem um assassinato; eles tomam refúgio e, nesse esconderijo, entram em um embate decisivo sobre o próximo passo.

Em um confronto agressivo e violento, eles relembram o passado e tudo o que os levou até ali: um pai desaparecido, uma mãe alcoólatra, um padrasto abusivo e um psicólogo. A busca pelo paradeiro do pai e seus conflitos internos revelam um segredo profundo entre os dois.

No final de 2015, eu acumulava quatro anos de atividade na cena teatral de Juiz de Fora. Um currículo que contava como ator em inúmeros espetáculos e como diretor em um espetáculo musical. Mas eu ainda não havia experimentado a escrita. A oportunidade de apresentar uma criação original no Festival de Cenas Curtas daquele ano era muito boa para deixar passar.

Em uma noite, a ideia sobre dois rapazes fugindo de um crime e duelando por controle surgiu. No começo, os personagens sequer tinham nome. Eram chamados de Identidade 1 e Identidade 2.

Eu convoquei um colega de teatro para montar a cena comigo. Ensaíamos por duas semanas e montamos a cena dentro desse tempo. Eu estava exercendo pela primeira vez três funções: dramaturgo, diretor e ator.

Em cena, coloquei apenas uma mesa e duas cadeiras.

No primeiro final de semana de apresentações do festival, ocorreu tudo bem com nossa performance. Porém, “Oculto” não foi selecionado para a final, que aconteceria no final de semana seguinte e valia prêmio em dinheiro para os três primeiros lugares.



Foto: Zé Zorzan

Arte: Pablo Abritta

Para mim, aquilo era o final. Havia sido uma boa experiência e nada mais. Uma oportunidade de crescimento. Mas a veia artística falou mais alto.

Em dezembro daquele mesmo ano, apenas um mês depois da apresentação, eu comecei a montar a escaleta para um espetáculo completo. A ideia de poder expandir aquela cena, adicionar personagens e me aprofundar no drama daquelas duas identidades pulsou forte. Assim, tudo foi tomando forma. Identidade 1 e Identidade 2 agora eram chamados Marcus e Alex. Angela, a mãe dos protagonistas entrou no enredo, assim como Doutor Medina, o psicólogo de Alex. Quatro personagens em cena, ao invés de dois.

A adição do Doutor Medina no espetáculo me permitiu investigar mais a mente turbulenta de Alex e a adição da personagem Angela abrangeu o leque de oportunidades para retratar a relação familiar conturbada dos protagonistas.

O nome “Oculto” foi descartado e o espetáculo foi nomeado “O lado oculto de um crime”. Porém, mesmo com o texto escrito, o espetáculo não foi montado. Não naquele ano. Enfrentando frustração com o elenco, eu decidi não montar a peça. O roteiro foi engavetado. O ano de 2015 acabou e 2016 passou.

Em maio de 2017, ao retornar de um Festival de Teatro em Ubá (FETUBA) com outro espetáculo de um grupo de teatro musical do qual eu fazia parte - chamado “Quem Sou Eu” - exercendo a função de ator, um amigo de longa data sugeriu que finalmente montássemos “O lado oculto de um crime” para o próximo festival.

Foi uma corrida contra o tempo. O Festival Nacional de Teatro de São João Nepomuceno (NEPOPÓ) aconteceria dentro de um mês e havíamos sido selecionados para nos apresentar. Consegui escalar rapidamente os papéis de Dr. Medina e Angela. Com quatro semanas de ensaio, estávamos prontos para nossa estreia.

Em cena, ao invés de apenas uma mesa e duas cadeiras, havia um espetáculo mais bem produzido. Medina e Alex tinham suas poltronas, com uma mesa de centro entre os dois. Na lateral direita do palco, uma mesa redonda de madeira e dois bancos de madeira, com um abajur em cima da mesa. Do lado esquerdo, uma cadeira com estofado vermelho e um abajur alto. Cada abajur era usado para iluminar as cenas de flashback que aconteciam nas laterais do palco. A iluminação era escura e deixava sombras nos rostos dos atores em cena. O clima sombrio que eu imaginava para o espetáculo estava finalmente tomando vida.

Ganhamos os prêmios de 3º Melhor Espetáculo do Festival e prêmio de Grupo Revelação.





Festival Nacional de Teatro de São João Nepomuceno  
Fotos: Marcus Martins

A partir dali, nomeei o nosso grupo de teatro de “Cia. Sentenciados”. Aquilo foi apenas o começo de uma jornada de apresentações que durou mais de um ano.

Ainda em 2017, nos apresentamos duas vezes em Juiz de Fora na Praça CEU (Centro de Artes e Esportes Unificados).

Já em 2018, passamos pelo Festival de Artes Cênicas de Conselheiro Lafaeite (FACE), ganhando o prêmio de Melhor Cenário e votado como 3º Melhor Espetáculo pelo Voto Popular. Estivemos no Festival de Teatro de Ubá. Participamos da 17ª Campanha de Popularização de Teatro e Dança de Juiz de Fora, com apresentação no Teatro Paschoal Carlos Magno. E finalizamos o circuito de apresentações na Mostra de Cinema e Teatro de Muriaé.



### 3 TEATRO & CINEMA

A relação entre teatro e o audiovisual data da própria invenção do cinematógrafo. O teatro se faz presente como modelo estético, narrativo e como tema de criação desde os primeiros filmes. Desde o começo do século XX, a projeção de imagens cinematográficas tem sido utilizada como elemento de composição cênica; o modo de expressão do cinema tem inspirado ou influenciado montagens teatrais; e estudiosos e encenadores de teatro tem adotado o registro filmico como ferramenta de suas pesquisas e processos criativos.

Ainda no século XIX, o teatro adota dois pontos de vistas opostos relevantes para que possamos compreender as relações que seriam estabelecidas com o cinema que surgiria no final do mesmo século: uma grande experimentação e espetáculos cheios de ilusionismo. O surgimento do simbolismo e sua busca pela representação da subjetividade, impulsionada por técnicas ligadas à iluminação (projeções e sombras) redefinem o espaço cênico para que o mesmo pudesse tentar representar a realidade.

O teatro influencia o nascimento da sétima arte, no jogo cênico dos atores, evidenciando aspectos da “cultura cênica” em planos estáticos, por vezes frontais, na decupagem das ações, no deslocamento lateral dos atores. A encenação dos primeiros filmes era puramente teatral: câmera imóvel e sempre à altura do peito e do olhar.

A partir dos anos 20, em busca de uma abordagem mais ampla e novas perspectivas de representação, o cinema se vê procurando por um rompimento com o formalismo narrativo. Com o aparecimento do cinema sonoro, acentua-se a propagação do termo “teatro filmado” que passa a ser alvo de comparações, uma vez que diversos teatros são ocupados por exibições de películas que servem para estabelecer um diálogo com obras literárias e teatrais, e representam uma extensão natural do trabalho cênico desenvolvido na época, a partir da apropriação de atores, objetos e materiais originados da experiência teatral.

Bazin defendia que a relação espacial era decisiva para o sucesso das adaptações, e o pior erro que um diretor podia cometer é fingir que não há as partes anteriores dos palcos do teatro e tentar camuflar o espaço teatral. Para isso, o diretor devia buscar uma estética que legitimasse a teatralidade inerente ao original.

A influência da escritura cênica não se limita somente às adaptações cinematográficas do texto dramático ou da representação teatral, estando presente também em filmes que apresentam roteiros originais. A limitação do lugar de ação, a limitação do número de personagens, a sequência temporal dos acontecimentos, a aproximação que se realiza no nível da interpretação dos atores e dos movimentos de câmera, a estilização do corpo e da palavra (gestos, figurinos e voz), o enquadramento frontal em planos-sequência, com profundidade de campo — todos esses são procedimentos usados por cineastas ao aproximar cinema e teatro.

O cinema, assim como o teatro, compreende o roteiro cinematográfico como um texto que potencializa a posterior encenação, no qual há o registro de tempo, espaço, personagens, diálogos, enredo e estrutura narrativa. Assim, aquele que lê um roteiro possui uma ideia prévia do que encontrará. O roteiro cinematográfico é uma realidade discursiva com algumas normas implícitas que são próprias do roteiro.

Em relação ao processo de adaptação, geralmente as discussões ficam centradas na obra que deu origem e ao filme. Porém, devemos ressaltar a figura do roteirista, aquele que fará a transposição de uma linguagem para outra através do roteiro. É preciso pensar na conversão de um meio para outro. Em um primeiro momento, podemos pensar que a adaptação seria até mais fácil nesse caso, pela similaridade dos textos. Entretanto, a adaptação deverá levar em conta não apenas a peça escrita. Assim, teremos um processo que envolve diferentes suportes, a peça escrita, sua montagem, o roteiro cinematográfico e o filme.

Quando se trata do olhar do espectador, ele é conduzido de formas diferentes no teatro e no cinema. No teatro, temos liberdade visual, mas que também se torna uma limitação já que o espectador pode dirigir seu olhar apenas para aquilo que está em seu campo de visão. No cinema, há uma intermediação ao olhar do espectador, pois as imagens são ditadas pelo posicionamento da câmera.

Em uma peça sendo assistida pela primeira vez, os signos acústicos e visuais compõem o cenário e o espectador observa e interage simultaneamente. No cinema as possibilidades variam, desde o lançamento de um filme no cinema, onde teríamos uma aproximação com a espectadorialidade do teatro, quanto a comodidade de se assistir a um filme em casa, no qual podemos pausar ou voltar cenas se julgarmos necessário. No teatro, tudo que temos é o momento.



Dentro dos recursos do cinema, ainda temos: a voz off, o flashback e o flashforward. Sempre será possível pensar que no teatro os limites também são testados, não inviabilizando esses recursos, mas exigindo um maior esforço criativo para representá-los em um palco. Esses recursos são comuns no cinema e criam inúmeras possibilidades, pois deslocam o tempo do presente para o passado ou para o futuro.

O cinema conta como diferencial o fato de registrar a história com câmeras e aí podemos pensar que a câmera narra. Isso se deve à possibilidade de apresentar aos espectadores detalhes que seriam “invisíveis” para o espectador de teatro. E também há o que chamamos de câmera subjetiva, de expressão lírica, pois apresenta o ponto de vista de determinados personagens.

Por fim, podemos também citar o caso da montagem, recurso utilizado pelo cinema para editar as cenas e definir o ritmo da história que está sendo contada.

## 4 ADAPTAÇÃO

Adaptar um texto de teatro para um roteiro cinematográfico tem suas dificuldades.

No teatro, o roteiro é dividido em cenas, sequencial e o ator é responsável pela ação. O retorno da peça é instantâneo. Durante a apresentação, você já consegue visualizar um retorno do público com base em suas ações. No teatro, os movimentos são bem maiores, as expressões faciais são mais carregadas. As peças seguem uma linha de crescimento: situação, conflito, solução.

Quando pensamos em um filme, precisamos pensar em um escopo maior. O filme precisa estar visualizado na sua mente em ordem para escrever o roteiro. Dentro disso, surgem muitas possibilidades. E muitas perguntas. O que eu quero colocar no filme que não pude colocar na peça? Como eu adapto determinadas cenas? Como expandir essa história sem fazer com que ela perca sua essência de origem? O que eu não contei no teatro e agora tenho a oportunidade de mostrar? Como esconder a revelação final até o momento certo?

“Meu Pai”, protagonizado pelos ganhadores do Oscar Anthony Hopkins e Olivia Colman, foi um filme que me inspirou nesse processo de adaptação.

A direção é assinada pelo dramaturgo francês Florian Zeller, com roteiro baseado em sua peça premiada, e adaptada por Christopher Hampton. A peça foi ganhadora do prêmio Molière, na França.

Na história de “Meu Pai”, Anthony tem 81 anos de idade. Ele mora sozinho em seu apartamento em Londres, e recusa todas as enfermeiras que sua filha, Anne, tenta impor a ele. Mas isso se torna uma necessidade maior quando ela resolve se mudar para Paris com um homem que conheceu há pouco, e não poderá estar com o pai todo dia. Fatos estranhos começam a acontecer: um desconhecido diz que este é o seu apartamento. Anne se contradiz, e nada mais faz sentido na cabeça de Anthony. Estaria ele enlouquecendo, ou seria um plano de sua filha para o tirar de casa?

Zeller, que estreia na direção de cinema, descreveu o filme “*como uma espécie de suspense, que convida o público a construir a narrativa, como eu fiz no teatro. Eu queria que o público se sentisse próximo aos personagens*”. Na adaptação de sua própria peça, ele aponta que “*o cinema e o teatro nos lembram que somos parte de algo maior que nós mesmos. Apesar das qualidades labirínticas do original, há uma sensação de alegria na peça que eu queria manter no filme*”.

O próprio filme embaralha tramas e personagens, mudando inclusive os atores que assumem determinados papéis. Daí que logo nos primeiros minutos de filme é difícil saber se aquela mulher vivida por Olivia Colman, que chega à casa para falar com o pai, é mesmo sua filha ou se ele a confundiu com sua nova cuidadora.

É um filme que estabelece um ritmo muito próprio em que a montagem das cenas e a construção narrativa do roteiro pregam peças o tempo todo no espectador e ainda expõe a confusão mental do protagonista.

Essa confusão mental foi uma inspiração para o roteiro de “O lado oculto de um crime”. Ao escrever o roteiro, eu quero convidar o leitor para que tente desvendar o que está realmente acontecendo por trás das ações daqueles personagens. Que segredos eles escondem?

Na peça, durante a maior parte do espetáculo, o palco conta com três núcleos cênicos. No centro, as poltronas do Doutor Medina e Alex, com uma mesinha de centro, representando o consultório do Doutor. Na lateral direita, havia uma mesa redonda de madeira com dois bancos de madeira e um abajur em cima da mesa, representando a cozinha da casa de Angela. Na lateral esquerda, uma cadeira com estofado vermelho e um grande abajur, representando a sala da casa de Angela. Nesses cenários laterais aconteciam os flashbacks, sempre iluminados pelos abajures que imprimiam um tom obscuro e cheio de sombras. Alex contava sobre sua vida para o Doutor, e logo em seguida suas memórias eram encenadas nas laterais do palco, com Alex se movimentando entre os cenários, alternando entre o tempo presente, onde confidenciava suas vivências para o Doutor, e os flashbacks de suas memórias.

Em um determinado momento da peça, Alex faz uma comparação comportamental entre o Doutor Medina e Billy, seu padrasto. As luzes do palco escurecem e são cobertas por um tom avermelhado indicando a sequência violenta que será representada naquele momento. O intérprete de Medina assume a postura de Billy e um flashback acontece onde o ator alterna entre os dois personagens. Um artifício usado para que o personagem de Billy pudesse fazer uma aparição cênica ao invés de estar apenas representado pelo que Alex fala sobre ele.

Os flashbacks do espetáculo tornam Alex um narrador não confiável. Sua postura sugere algo ameaçador e não sabemos quais os motivos nebulosos que o trouxeram até ali. Esses

flashbacks foram quase todos integrados no roteiro, porém dentro da sequência natural dos acontecimentos.

Para imprimir um toque realista, todas as cenas de brigas que envolviam agressão física eram encenadas de verdade no palco. Os tapas e socos trocados entre os atores eram reais. Um fator que costumava incomodar algumas pessoas na plateia.

Ao adaptar a peça, encontrei muitas oportunidades de colocar em cena o que é apenas contado verbalmente pelos personagens no espetáculo teatral, ou até momentos que nunca sequer existiram na concepção original do texto.

A cena 7 do roteiro, um jantar em família, foi uma ótima chance de explorar pela primeira vez dentro da trama um pouco da dinâmica familiar entre os quatro personagens principais. É uma cena que evidencia desde o começo as relações de poder entre os personagens dessa família, criando uma tensão que se perpetua nas cenas seguintes e define a dinâmica que veremos entre os quatro.

A cena 9, uma cena de briga na faculdade, era apenas mencionada em um monólogo de Alex para o Doutor Medina durante sua consulta. No roteiro, pude apresentar logo de início sua natureza agressiva e combativa, e principalmente, sua relação com o bullying.

As cenas dentro do metrô ajudam a dar um ar mais urbano para a narrativa, além de serem usadas como uma ligação entre os acontecimentos.

A cena 22 do roteiro, foi, com certeza, uma das adições mais importantes. A chance de criar um momento de suspense tão importante foi crucial para ditar o impacto das ações desses personagens e até onde eles estão dispostos a ir. É uma cena que evidencia a natureza vingativa de Alex.

A cena 25, a invasão à casa do pai, foi um momento crucial para o clímax. Essa cena não podia ser encenada no espetáculo por razões específicas: por questões de elenco, já que haveria a necessidade de mais três atores em cena; e um cenário a parte apenas para a representação dessa cena.

Quando se trata dessa adaptação, era importante explorar ainda mais as relações dessas personagens. As hierarquias de poder entre essa família que está claramente devastada. Cada personagem carrega suas bagagens e seus traumas, e isso é o grande motivador para as ações de todos eles: Alex, Marcus, Angela e Billy.

O Doutor Medina é colocado em cena como um investigador da mente nebulosa de Alex. Medina é o único personagem neutro dentro da narrativa. Ele não parece corrompido como os demais personagens dentro da trama. Um equilíbrio necessário que se opõe ao caos. E também uma vítima desse mesmo caos.

“O lado oculto de um crime” aborda muitos temas sensíveis; como alcoolismo, bullying, abuso físico e psicológico, transtorno dissociativo de identidade e suicídio. O impacto que um lar desestruturado e violento, e traumas na infância podem causar no psicológico de uma pessoa são a base dessa narrativa.

## 5 INSPIRAÇÕES

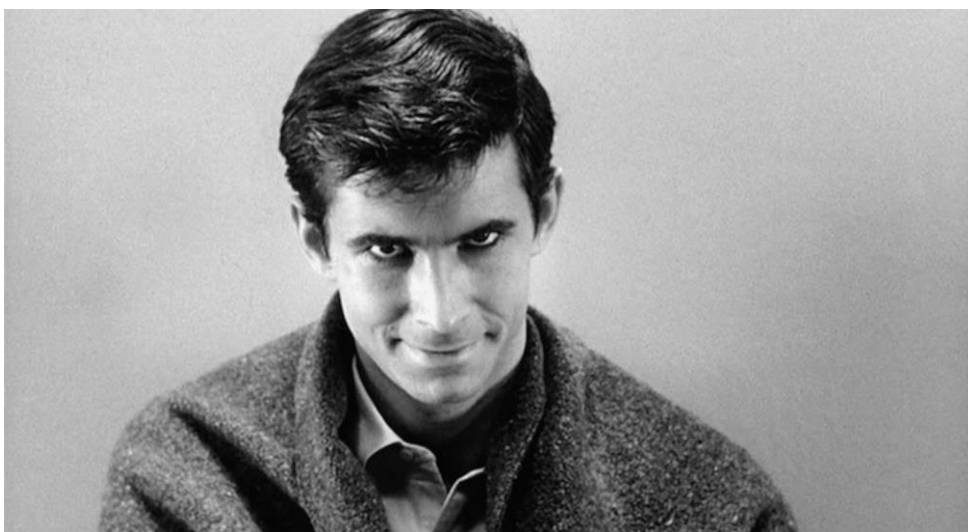
### 5.1 PSICOSE

A relação conturbada com a mãe foi um fator poderoso no desenvolvimento da relação de Angela com seu filho (ou filhos?). O carinho que Marcus demonstra por Angela é o exato oposto da forma como Alex vê a mãe. São como dois polos, mas que quase nunca convergem. Um a respeita e o outro a rechaça. Um precisa do amor dela e o outro quer culpa-la por todos os seus medos e erros.

Em “Psicose”, um grande fator desencadeador para a personalidade conturbada do personagem é a relação de Norman com a mãe. A figura materna é insensata ao ponto de interferir na percepção de mundo do filho, influenciando-o de forma negativa.

O complexo de Édipo é determinante para que a psicose se alastre, nesse caso. Norman era fixado por sua mãe, uma mulher dominadora e fanaticamente religiosa. O fascínio era tanto que Bates assumia a personalidade da mãe, chegando até a vestir-se igual a ela, mas logo sofria de um surto de amnésia. Ele acreditava que sua mãe era uma velha e que precisava de amor, sendo sua obrigação cuidar dela. As falas da mãe também insinuam o ódio por todas as mulheres que possam a vir se relacionar com Norman.

Alex se encontra dentro do espectro da psicopatia. A psicopatia tem por definição uma pessoa que não sente empatia pelo outro, que comete algum crime ou não age de acordo com os mesmos princípios morais que o homem médio.



## 5.2 CLUBE DA LUTA

“Clube da luta” foi uma grande referência estética e narrativa.

O filme Clube da luta conta o drama vivido por Jack, funcionário de uma grande empresa de seguros, que levava uma vida pacata dedicada exclusivamente ao trabalho e se tornou fundador de um clube de boxe clandestino, em parceria com Tyler Durden, ficando claro, ao longo da trama, que ele desenvolveu um processo de dissociação de sua personalidade, passando a apresentar um quadro de psicose clínica. Tyler Durden e Jack eram duas faces de uma mesma pessoa.



## 6 TRANSTORNO DISSOCIATIVO DE IDENTIDADE

Pode-se definir o transtorno como uma condição psicológica severa em que aspectos importantes como memórias, comportamentos, sentimentos e a própria identidade são afetados. O TDI se configura como um processo mental dissociativo responsável pela falta de conexão ao que a pessoa traz em sua personalidade ‘real’.

Uma reportagem divulgada pela BBC, em junho de 2017, relatou a história de Melanie Goldwin, cujas declarações revelam a existência de personalidades distintas em sua vida. Segundo a matéria, a identidade de Melanie alterna ora como uma criança de 3 anos de idade ora como uma garota de 16 anos vivendo o auge da adolescência. Além disso, a inglesa pode externar as angústias de uma pessoa que sofre com anorexia e tendências suicidas.

Segundo especialistas, o Transtorno Dissociativo de Identidade é causado por um grande trauma sofrido pela pessoa ainda na infância. Em muitos casos, esses eventos traumáticos são fruto de abusos sexuais, físicos ou psíquicos. Ao passar por essas situações, as crianças começam a desenvolver outras personalidades com o intuito de se defender dessa exposição prejudicial. Esses personagens atuam como objetos de autodefesa para suportar momentos de dor e angústia.

Embora a maioria dos casos estudados seja resultado dessas causas, o especialista Remy Aquarone, com experiência de 30 anos em transtornos dissociativo, afirma que existe outro fator responsável por contribuir com essa complexa condição: a ausência de uma ligação afetiva saudável com um adulto.

Essa ligação atua como um laço em que a criança deposita toda a confiança emocional no adulto que está por perto. Quando esse vínculo é quebrado de forma abrupta, como um abuso, uma negligência e até uma morte repentina da pessoa adulta; o pequeno passa a se ‘defender sozinha’ para superar o momento traumático em que se encontra.

A medicina já identificou casos em que uma personalidade toma conhecimento de outra que ‘coabita’ a mesma pessoa. Segundo o psiquiatra Erlei Sassi Júnior (do Ambulatório Integrado de Transtornos de Personalidade e Impulso do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo), essas variações agem como “vizinhos morando no



mesmo condomínio”. O especialista ressalta que algumas personalidades “podem não gostar dos outros e formar gangues entre si”, preservando as características de cada uma.

## CONCLUSÃO

Desde o começo do curso eu tinha em vista que seria primordial para meu crescimento profissional escrever meu primeiro roteiro de cinema para minha Conclusão de Curso. Sempre gostei de criar histórias e essa seria a oportunidade perfeita para colocar isso em prática pela primeira vez. E hoje me orgulho muito do caminho que decidi trilhar. Todas as etapas desse projeto tiveram um papel importantíssimo em meu processo de aprendizado.

Para pessoas como eu, que almejam uma carreira dentro do mercado audiovisual, foi muito importante ter a experiência de passar por todas as etapas criativas e técnicas que a escrita de um roteiro demanda.

Concluo esse trabalho motivado a escrever mais. Cria mais histórias. Colocar todas as ideias que tenho guardadas no papel, com o objetivo de que um dia eu as veja em uma tela de cinema.

CENA 1. INT. CONSULTÓRIO DR MEDINA. DIA

Um consultório psicológico de paredes brancas. Em uma parede no fundo se encontra uma grande prateleira de madeira repleta de livros. No canto, uma grande mesa com muitas gavetas. Em cima da mesa vemos um caderno, papéis, fichários e um retrato retrato do Dr. com sua esposa e filho, todos sorrindo para a foto. No centro do consultório, duas poltronas, uma de frente para a outra, a três metros de distância. Entre as poltronas, uma mesinha de centro, com um pequeno vaso de flores e outros adereços. Medina está sentado em sua poltrona encarando um jovem rapaz, sentado na outra poltrona. Atrás do rapaz, uma grande janela onde podemos ver os prédios do lado de fora. O rapaz olha fixamente para baixo o tempo todo, sem se mover. Silêncio.

DR. MEDINA

Você quer começar?

O tom de voz do Dr. é sempre calmo. Durante toda a conversa.

Silêncio. O rapaz continua olhando fixamente para o chão.

DR. MEDINA

Você pode começar por onde quiser.

Silêncio. O rapaz não se move.

DR. MEDINA

Ok. - *pausa* - Então comece me dizendo porquê você fez aquilo. O que te motivou?

Dessa vez o silêncio permanece por mais tempo enquanto o Doutor continua esperando que o rapaz fale. Mas o rapaz está quieto.

DR. MEDINA

Se você não vai cooperar comigo, vai ficar difícil para nos comuni ..

Alex o interrompe.

ALEX

Douto, você realmente quer saber por que eu fiz o que eu fiz?

A voz de Alex é fria e levemente arranhada.

DR. MEDINA

Claro. Eu quero te ajudar.

Alex então levanta a cabeça para encarar o Doutor nos olhos. Seu olhar também é frio.

ALEX

Pra você entender porque eu fiz aquilo, você precisa conhecer a história desde o começo. Você precisa conhecer os cantos mais escuros da minha mente.

Mesmo com o tom frio e ameaçador, o Doutor não se mostra intimidado. Permanecendo com um semblante calmo, assim como sua voz.

DR. MEDINA

Então me conte.

ALEX

Está preparado pra isso?

DR. MEDINA

Sim.

ALEX

Você pode se arrepender no final disso tudo.

DR. MEDINA

Não irei.

Silêncio. O rapaz avalia o Doutor com os olhos .

ALEX

Veremos.

TELA FICA PRETA

O TÍTULO APARECE NA TELA

**O LADO OCULTO DE UM CRIME**

## CENA 2. EXT/INT. RUA/PADARIA. MANHÃ

Marcus está andando na rua, usando um jeans e uma jaqueta com ar de usados. Ele é alto e magro. O dia está nublado e parece uma manhã fria. Vemos algumas pessoas de agasalho passando por ele. Os carros passam durante o tráfego da manhã. Ele vira a esquina e entra em uma padaria. Vai direto até o fundo do estabelecimento, pega uma sacola de plástico e coloca alguns pães de sal dentro da sacola. Depois vai até o freezer e pega um pote de manteiga. Se dirige até o caixa.

CAIXA

Deu R\$11,80.

Marcus tira o dinheiro do bolso e entrega ao senhor do caixa.

MARCUS

Obrigado.

## CENA 3. INT. CASA/COZINHA. MANHÃ

Uma cozinha apertada e mal iluminada. A luz da manhã entra pela janela acima da pia e do fogão antigo. Paredes pintadas em um verde escuro que já está desbotando. Armários de madeira que já estão arranhados e desgastados, sempre rangendo quando abrem e fecham. Uma geladeira velha no canto. No centro da cozinha, uma mesa redonda com 4 cadeiras. A mesa está coberta por uma toalha de mesa, e tem uma broa e algumas canecas em cima. O bule de café no fogo começa a chiar. Angela entra apressada e tira o bule do fogo. Ela está arrumada para sair. Ela usa uma calça e uma blusa de manga comprida, com o cabelo solto. Coloca o café em uma caneca e se senta á mesa. Nesse momento, Marcus entra pela porta da cozinha com uma sacola trazendo as coisas que comprou na padaria.

MARCUS

Bom dia, mamãe.

ANGELA

Bom dia, meu filho.

Marcus se senta perto dela e tira os pães da sacola e a manteiga. Angela começa a se servir.

MARCUS

Por quê você acordou tão cedo hoje?

ANGELA

Vou sair para procurar emprego hoje. Qualquer lugar que me aceitem já tá bom pra começar. Com o dinheiro vou colocar muita coisa em dia e as coisas vão começar a melhorar aqui pra gente. Eu prometo, tá?

Ela está animada, porém parece levemente receosa.

MARCUS

Tá bem.

Ele sorri, mas parece um sorriso forçado

ANGELA

E as aulas, quando voltam?

MARCUS

Daqui uma semana.

ANGELA

Animado?

MARCUS

Claro. - *diz desconfortável.*

ANGELA

Vai ser um belo ano, meu filho. Vamos consertar tudo que está errado. Começando por esse emprego. Agora preciso ir.

Angela levanta, dá um beijo na testa de Marcus e sai, batendo a porta da cozinha.

Alex entra na cozinha com roupa de pijama e cara de quem acabou de acordar. Ele também é alto e magro, porém parece um pouco mais forte que Marcus. Alex se senta no lugar de Angela. Ele pega a caneca que ela estava usando e cheira o café. Depois ele dá um gole.

ALEX

Sem álcool hoje. Que milagre - *diz seco*

MARCUS

Ela quer melhorar, Alex.

ALEX

Aposto que quer. Mas nada vai melhorar

enquanto ele viver aqui dentro.

A porta da cozinha se abre, Angela entra apressada.

ANGELA  
Esqueci minha bolsa.

Pega a bolsa em uma das cadeiras. Ela para e olha para Alex.

ANGELA  
Vai fazer o quê hoje?

ALEX  
Ficar no meu quarto, ler um livro. Sei lá.

ANGELA  
Te vejo mais a noite. -

Passa a mão carinhosamente no ombro dele e sai novamente, batendo a porta.

MARCUS  
Alex, falta apenas uma semana para as aulas começarem. Eu não quero ir. Eu não quero voltar para aquele lugar.

ALEX  
Eu sei. Eu também não.

MARCUS  
E o que vamos fazer?

ALEX  
Não tem muita coisa que eu possa fazer. Só torcer pra que esse pesadelo acabe logo.

#### CENA 4. INT. CASA/QUARTO. DIA

Marcus e Alex estão dentro do quarto, se arrumando para sair. Vemos duas camas de solteiro e dois guarda-roupas de duas portas cada um.

Alex está sentado na cama colocando tênis. Ele veste calça jeans e um moletom roxo.

Marcus está de pé em frente seu guarda-roupa pegando uma jaqueta. Depois vai até o espelho e começa a ajeitar o

cabelo.

Alex levanta da cama e vai até ele. Pega um pente na cabeceira.

ALEX  
Vira pra cá.

Alex começa a pentear o cabelo de Marcus, jogado para o lado, como ele sempre usa.

ALEX  
Tá parecendo um mauricinho. - e ri

MARCUS  
Para.

Eles riem.

ALEX  
Tô brincando.

Alex ajeita a jaqueta de Marcus.

ALEX  
Agora está pronto. Vamos?

MARCUS  
Vamos.

#### CENA 5. INT. METRÔ. DIA

Marcus e Alex estão sentados dentro do vagão que não está muito cheio. Marcus está olhando pela janela enquanto ouve música no fone de ouvido. Alex observa um homem entrar no vagão de mãos dadas com uma criança pequena. O menino sorri enquanto toma um suco de caixinha com canudo. O pai se senta e coloca o menino no colo. Eles brincam e riem enquanto o pai finge tentar tirar o suco da mão da criança. O menino repara que Alex está os olhando e acena para ele. Alex acena de volta para o menino.

#### CENA 6. INT. BIBLIOTECA

Alex e Marcus estão andando pelos corredores cheios de livros da biblioteca. Alex está concentrado em achar algo.



MARCUS

Por que você gosta tanto de ler na biblioteca?

ALEX

Porque aqui é silencioso e ninguém me incomoda. Além de você.

MARCUS

Mas não tem ninguém em casa essa hora.

ALEX

Eu não gosto de ler em casa. Não dá pra prever os horários do Billy.

Alex continua procurando.

ALEX

Achei.

Ele tira um exemplar de ''Um corpo na biblioteca'' de Agatha Christie de uma prateleira.

MARCUS

A gente vai conversar sobre ele?

ALEX

E adianta falar algo? Enquanto a mamãe quiser ele lá, não adianta falar muita coisa. Ela nem escuta.

MARCUS

Hoje de manhã ela parecia animada.

ALEX

Até quando você vai cair nessa? Ela sempre tem esses momentos, mas eles nunca duram.

MARCUS

Dessa vez pode ser diferente.

Alex para e olha para Marcus com uma expressão debochada no rosto.

ALEX

Eu não sei como você consegue ter tanta confiança de que ela vá fazer alguma coisa. Mas acho bonitinho essa esperança que você sempre tem.

MARCUS

Você está debochando de mim.

ALEX

Talvez.

Eles se sentam em uma mesa.

ALEX

Olha, eu só não quero que você fique criando expectativas com coisas que podem não acontecer.

MARCUS

Eu sei, mas...

ALEX

Marcus, me escuta. É mais fácil você confiar em mim do que nela pra mudar algo.

Marcus fica pensativo.

ALEX

Agora vai procurar algum livro pra te distrair antes que você acabe como a moça dessa história - *diz apontando para o livro que está segurando.*

MARCUS

Tá bom.

Marcus levanta da mesa e sai.

CENA 7. INT. CASA. NOITE

Angela está preparando a mesa da sala para o jantar. Ouvimos a TV ligada no fundo passando um jogo de futebol. Alex e Marcus entram pela porta da cozinha, chegando da rua.

ANGELA

Chegaram bem na hora do jantar.  
Sentem-se.

Os dois se sentam, um de frente para o outro. Angela se senta na ponta da mesa.

ANGELA

Billy, o jantar está pronto - *fala*

*alto em direção á TV.*

Billy chega e senta na outra ponta da mesa. Ele é alto, robusto e com a barba para fazer. Seu semblante é sério, como se estivesse nervoso. Ele parece levemente embriagado. Todos começam a se servir e comer. Todos bebem suco, menos Billy, que está terminando uma lata de cerveja. O clima é tenso e ninguém fala nada. Alex e Marcus se entreolham. Angela decide cortar o silêncio.

ANGELA

Onde vocês estavam?

MARCUS

Na biblioteca.

ANGELA

Que bom. Gente que lê é mais inteligente.

Billy dá um pigarro. Como se estivesse debochando. Todos na mesa tentam ignorar. Alex parece muito tenso.

MARCUS

Como foi hoje, mãe? Conseguiu algum emprego?

Angela fica desconfortável e se arruma na cadeira.

ANGELA

Não, querido.

Ela olha de relance para Billy, que a encara enquanto mastiga.

MARCUS

Você vai tentar amanhã de novo?

Billy dá uma risada breve e debochada.

ANGELA

Acho que não.

Alex encara Billy com raiva nos olhos.

BILLY

Está olhando o quê, moleque?

ANGELA

Querido, por favor. - *se dirigindo a Alex.*

Alex continua encarando Billy e a tensão entre os dois cresce. Billy o olha como se o desafiasse a fazer ou falar algo. Angela e Marcus estão claramente apreensivos. Ninguém fala nada. Então Alex desvia o olhar e volta a comer.

CENA 8. INT. QUARTO/CASA. DIA

Marcus e Alex estão dormindo. O despertador toca. Seis da manhã. Marcus desliga o alarme.

MARCUS

Acorda.

Alex revira na cama, abre os olhos e olha para Marcus.

CENA 9. EXT. RUA/UNIVERSIDADE. DIA

Marcus e Alex estão em suas bicicletas pedalando na rua. Cada um com uma mochila nas costas. Outro dia nublado. Nenhum dos dois parece muito animado. Eles pedalam até chegarem em frente à Universidade. Eles param e guardam suas bicicletas em um local apropriado.

MARCUS

Vou no banheiro.

ALEX

Ok.

Marcus sai. Alex termina de trancar sua bicicleta e vai em direção ao portão de entrada. Perto da entrada, um grupo de três amigos estão conversando e rindo alto. Quando Alex os vê, ele para. Os observa por um instante, hesitante. Então ele toma coragem e segue em frente. Ao chegar perto deles, os rapazes o notam e começam a cochichar. Alex tenta passar rápido por eles.

JUNIOR

Ei.

Alex acelera o passo.

JUNIOR.

Ei, bastardo. Tá me escutando não? Tô falando com você.

Alex para. Os três amigos começaram a rir alto.

VINICIUS

Ixi, irritou o cara.

Enquanto eles riem e debocham, Alex continua de costas. Ele tranca as mãos, tentando controlar a raiva. Alex olha ao redor e as pessoas estão prestando atenção na cena. Ele vira para encarar os três.

JUNIOR

Vai fazer alguma coisa, mano? Ficou chateado?

Os três continuam rindo. Todos continuam assistindo. Alex anda em direção aos três, com ódio nos olhos.

VINICIUS

Relaxa aí, cara.

Vinicius entra na frente de Junior e Rodrigo, como se fosse defender os amigos. Alex dá um soco forte na cara de Vinicius, que cai direto no chão. Algumas pessoas ao redor gritam. Alex parte pra cima de Junior agressivamente. Rodrigo tenta segurar ele, mas Alex dá um chute em sua virilha, que grita de dor. Junior dá um soco na cara de Alex, que cambaleia para trás.

JUNIOR

Pode vir.

Alex o encara com fúria nos olhos. Investe para cima de Junior e ambos trocam socos. O estilo de briga de Alex é agressivo e certeiro, como quem já está acostumado a fazer isso. Algumas pessoas tiram seus celulares pra fora e começam a filmar a cena. Alguns gritam torcida por Junior.

Enquanto Rodrigo continua caído de dor no chão, Vinicius levanta e pega Alex pelas costas, tentando segurar suas mãos. Ele prende as duas mãos de Alex, enquanto Junior disfere um soco em seu rosto. Alex, dá uma cabeçada em Vinicius, que imediatamente o solta, com o nariz sangrando.

VINICIUS

Você quebrou meu nariz, filho da puta!

Vinicius se afasta com a mão no nariz.

Alex dá um chute no estômago de Junior, que cai de joelhos no chão. Alex fica por trás dele e dá uma chave de pescoço no rapaz. Ele começa a apertar o pescoço de Junior, que se debate com socos, mas não consegue se soltar. Nesse momento, dois policiais do Campus entram correndo.

POLICIAL 1  
 Parem com isso. - *grita*

Policial 1 puxa Alex para longe de Junior, enquanto o Policial 2 contém Junior.

POLICIAL 2  
 Já mandou parar.

Junior e Alex se debatem contra os policiais, enquanto se encaram, querendo continuar a briga.

POLICIAL 1  
 Vamos! Agora!

Ele puxa Alex para longe e o leva embora para dentro da Universidade.

CENA 10. INT. SALA DA DIRETORIA/UNIVERSIDADE.

Alex está sentado de braços cruzados em frente à Diretora. Ele está com os lábios inchados e um hematoma ao lado da testa. Ela o encara severamente.

DIRETORA  
 De novo?

Alex não responde.

DIRETORA  
 Eu vou te dar outra advertência com uma suspensão. Mas vou te avisar, rapaz, você não tem muitas dessas sobrando.

Alex continua em silêncio.

DIRETORA  
 E vou ter que ligar para a sua casa avisando o que aconteceu.

ALEX  
 Não!

DIRETORA  
 Não existe outra opção.

Ela pega o telefone e começa a discar, consultando o número na ficha de Alex que está na mesa dela. Alex observa o

telefone apreensivamente.

CENA 11. INT. CASA. DIA

Alex está sentado na sala assistindo TV. A televisão é antiga e está passando um programa de culinária. Ele está arrumado para sair. Seu semblante parece abatido. Os hematomas em seu rosto já estão sumindo. Angela entra na sala, também arrumada.

ANGELA

Vamos.

Alex se levanta e vai em direção a cozinha. Passando pelo corredor que leva até os quartos, ele vê Marcus parado na porta do quarto, o olhando com pena. Angela abre a porta da cozinha e ambos saem.

CENA 12. INT. METRÔ

Alex está sentado do lado da janela, com a cabeça apoiada no vidro. Ele olha pra frente, ainda abalado. Angela, sentada ao seu lado, o observa com preocupação e tristeza nos olhos.

CENA 13. EXT. RUA. DIA

Angela e Alex param em frente uma casa. Na entrada vemos uma placa pendurada que diz: ''DR. MEDINA - PSICÓLOGO''. Um portão de metal separa as escadas que levam até a porta da casa.

ANGELA

Posso confiar que você vai se esforçar e levar isso a sério?

ALEX

Pode.

ANGELA

Eu conversei com ele. Acredito que você vai gostar dele.

Alex balança positivamente a cabeça.

Ela o olha nos olhos por um segundo e o abraça. Alex abre o

portão, sobe um lance de escadas e para em frente a porta. Vira para encarar a mãe, que o olha com um misto de carinho e apreensão. Alex bate na porta.

CENA 14. INT. CONSULTÓRIO DR MEDINA. DIA. (CONT.)

Alex continua observando Medina cuidadosamente.

ALEX

Tudo começa nele. O homem que eu deveria chamar de pai me abandonou quando eu tinha seis anos de idade. Saiu de casa sem olhar pra trás, deixando a minha mãe desamparada, sem dinheiro, sem ter como me criar. E quando ela encontrou ele pra pedir pensão, ele negou ou a paternidade. Disse que não tinha filho e se negou a provador qualquer ajuda financeira. Todo mundo no sabia bairro. Todo mundo na escola sabia. Eu cresci tendo que ouvir piadinhas maldosas sobre abandono.

DR. MEDINA

Isso foi durante o ensino fundamental e médio, correto?

Alex balança a cabeça, concordando.

DR. MEDINA

Como você lidava com isso?

ALEX

Comecei a sofrer bullying na escola primária. As crianças conseguem ser muito cruéis nessa idade. A escola sempre foi um lugar hostil pra mim. Eu odiava estar lá.

Silêncio. O corpo de Alex começa a ficar tenso. Ele aperta os braços da poltrona com força.

ALEX

Quando eu estava na sétima série, o Junior me apelidou de bastardo. Ele espalhou esse apelido pra escola toda. Ele fazia questão de me chamar assim todos os dias quando eu entrava na



sala de aula. Até o dia que eu bati a cabeça dele nove vezes no quadro de giz.

Alex dá nove socos com a mão direita no braço direito da poltrona. Ele começa o primeiro soco devagar e vai aumentando a velocidade e a força à medida que vai revivendo o momento em sua cabeça. Seu olhar cheio de ódio.

Silêncio. Medina o avalia atentamente.

DR. MEDINA

Você costuma agredir os seus colegas?

ALEX

Quando necessário, sim.

DR. MEDINA

Alguém te ensinou isso?

ALEX

Quando você está naquela idade, você está realmente tentando descobrir sua identidade e quem você é, e isso faz parecer que a gente tem que se conformar.

Fala para si mesmo, olhando para baixo.

ALEX

É horrível ser rejeitado pelos seus colegas nessa idade, doutor.

Volta a olhar para Medina.

ALEX

Eu nunca tive ninguém pra me ensinar esse tipo de coisa. Essa costuma ser a função do pai, ensinar a gente a se defender. Pai que eu não tive.

DR. MEDINA

Você se lembra da sua relação com o seu pai?

ALEX

Muito pouco. E tudo que eu tento saber sobre ele é uma tentativa frustrada. Minha mãe sempre se recusou a falar dele.

## CENA 15. INT. CASA / SALA. NOITE (FLASHBACK)

Angela está sentada no sofá da sala, visivelmente bêbada. Na TV antiga está passando um programa policial sobre serial killers, mas ela não está prestando atenção no programa. Angela parece imersa nos seus próprios pensamentos. Na mesinha ao lado do sofá tem um garrafa de vodca barata pela metade. Ela enche o copo de vodca e dá um gole. Se levanta, segurando o copo, e vai até a mesa da TV e abre uma gaveta. Pega um maço de cigarro e tira um. Acende o cigarro e dá uma longa tragada, soltando a fumaça aos poucos. Ela suspira de alívio, como se o cigarro a acalmasse. Olha para a TV, que está exibindo cenas sangrentas de um cadáver. Ela faz uma cara de nojo ao ver a cena e se vira de costas para a TV. Toma mais um gole de vodca e traga mais uma vez o cigarro. As janelas fechadas deixam o ambiente cheio de fumaça. Marcus entra na sala, observando cuidadosamente sua mãe, que não percebe ele entrando. Ele parece hesitar em falar com ela.

MARCUS

Mãe.

ANGELA

Ah, não te vi aí.

Toma um susto ao ouvir a voz dele.

MARCUS

Podemos conversar?

ANGELA

Sobre o que você quer conversar?

Sua voz soa embriagada e fria, como se já previsse o caminho da conversa.

MARCUS

Sobre o meu pai.

A postura de Ângela muda. Seu corpo endurece. Ela fica nervosa. Vira de costas para Marcus, encarando novamente a TV. Dá mais uma tragada no cigarro.

ANGELA

Marcus, eu já te disse. Nós não falamos sobre isso nessa casa.

Sua voz entrega sua impaciência.

Alex está do lado de fora da sala, perto da porta, no corredor. Ele ouve a conversa entre os dois.

MARCUS

Mas ele é meu pai. E eu não sei nada sobre ele.

Ele fala com cautela, visivelmente com medo de irritar ainda mais ela.

MARCUS

Pra onde ele foi. Onde ele mora. Com o quê ele trabalha.

Ela segue em silêncio, olhando para uma TV mesmo não prestando atenção no que se passa, e tomando outro gole de vodca. Raiva transparece no seu rosto.

MARCUS

Ele já tentou contato alguma vez ao longo desses anos?

ANGELA

Você sabe o que você precisa saber. Seu pai deixou nós dois aqui e foi ser feliz. Por quê você se importa com ele? Ele é um homem mesquinho que foi embora e nunca olhou pra trás.

Marcus vai até ela e entra na frente da TV para encará-la. Ele não está com raiva. Parece calmo e paciente.

MARCUS

É por isso que você bebe, não é? Pra afogar essa dor. Eu te entendo e te respeito por isso, mãe. Você passou por muita coisa e sempre precisou ser forte.

Marcus a abraça. Ela mal reage. Angela está com os olhos marejados, visivelmente abalada.

MARCUS

Eu só queria saber ...

Nesse momento, Alex entra nervoso na sala interrompendo Marcus, pronto para confrontá-la.

ALEX

Você não acha que eu mereço mais do que isso? -

Ele fala alto e de forma agressiva.

Marcus solta Angela. Ela se vira para encarar Alex.

ALEX

Por quê ele foi embora? O que aconteceu?

ANGELA

Eu já te disse ... - *ela fala nervosa tentando controlar sua voz, mas é interrompida.*

ALEX

Que ele não vale a pena a preocupação. Mas isso cabe a mim decidir, não você. Você está tirando esse direito de mim, montando a imagem que você quer dele.

Angela continua tentando se controlar, mas está visivelmente perdendo o equilíbrio. Ela tenta ser carinhosa, mas a bebida fala mais alto.

ANGELA

Eu não estou montando imagem nenhuma dele, meu filho. Seu pai era um homem egoísta que nunca se importou com a gente.

ALEX

NÃO MENTE PRA MIM!

Ele grita, explodindo de raiva.

ANGELA

Eu não estou mentindo!

Ela grita de volta, perdendo completamente o resto de controle que tinha.

MARCUS

Não fala com ela assim.

ALEX

Cala essa sua boca. Eu cansei do seu vitimismo. Você não está vendo que ela manipula a gente?

ANGELA

Do que você está falando?

Alex se aproxima dela.

ALEX

Por quê ele saiu daqui, mãe. É só isso que eu quero saber.

Angela explode.

ANGELA

NÃO!

Ela se aproxima de Alex, olhando fixamente dentro dos olhos dele, cheia de ódio.

ANGELA

Nós não falamos sobre isso aqui. E eu não quero que você me pergunte sobre isso nunca mais. Você me entendeu? - *gritando*

Alex fica furioso e assustado ao mesmo tempo. Ele pega o copo de vodca na mão dela e joga com força contra a parede atrás dela, fazendo voar pedaços de vidro para todo lado. Ele vira de costas e sai da sala. Ouvimos ele batendo a porta de seu quarto. Angela está em choque olhando para os cacos de vidro no chão, enquanto Marcus está assustado olhando para ela.

CENA 16. INT. CONSULTÓRIO DR MEDINA. DIA (CONT.)

Dr. Medina continua analisando Alex após ouvir a história. Alex parece nervoso.

DR. MEDINA

Você ressentido sua mãe por beber?

ALEX

É claro. Se ela não passasse tanto tempo bêbada, as coisas lá em casa teriam sido muito diferentes.

DR. MEDINA

Você sente raiva dela?

Silêncio.

ALEX

Claro que não. Eu amo a minha mãe.

Alex diz isso com uma ponta de cinismo em sua voz.

DR. MEDINA

E como o Billy foi morar na sua casa?  
Qual a sua relação com ele?

Alex fica visivelmente irritado ao ouvir o nome do padrasto.

ALEX

Ele é um homem terrível. - *diz baixo*

Medina continua em silêncio esperando Alex colocar para fora seu incômodo.

ALEX

Quando o meu pai abandonou a gente, eu e minha mãe tínhamos um boa relação. Eu era muito novo, não sabia muito bem o que estava acontecendo. E a minha mãe bebia o tempo todo, não sabia lidar bem com aquilo. Então quando eu tinha 12 anos ela conheceu o Billy num bar qualquer, trouxe ele pra casa e lá ele ficou. Eu rezava pra ele ir embora, todos os dias. Ele não é meu pai e nunca vai ser. Sempre com aquele bafo de cachaça barata, gritando como se fosse o rei da casa.

Podemos ver a dor de Alex enquanto ele fala. Medina dá um tempo para ele se recuperar.

DR. MEDINA

Mas sua mãe gosta dele. Você não acha que poderia ter uma relação mais saudável com ele? Por ela.

Alex ri, em desdém.

ALEX

Relação saudável? Impossível.

DR. MEDINA

Talvez você rejeite ele por achar que ele quer ocupar o lugar do seu pai. Talvez você esteja projetando nele a raiva e a mágoa que você sente pelo seu pai.

Alex balança a cabeça negativamente enquanto ele diz isso. Claramente incomodado.

DR. MEDINA

Feridas familiares não se curam facilmente. Você precisa querer. Você precisa querer viver em um lar saudável e se esforçar para isso.

ALEX

Não. Você não entende. O Billy é o demônio. Eu implorei pra minha mãe colocar ele pra fora de casa.

Alex está visivelmente abalado. Medina o observa. Alex se levanta da poltrona e vai até uma grande janela que fica atrás dele, ficando de costas para o doutor. Observa a vista. Fica em silêncio por algum tempo. Vemos a raiva em seus olhos. Seu corpo está tenso.

Medina quebra o silêncio.

DR. MEDINA

Billy já te agrediu alguma vez?

Questiona cautelosamente. Ouvimos preocupação em sua voz.

Alex continua de costas para ele, encarando a vista na janela.

ALEX

Muitas. Mas teve uma vez que ele passou dos limites.

DR. MEDINA

O que aconteceu?

O corpo de Alex fica cada vez mais tensionado. Sua voz embargada de uma raiva silenciosa. Ele não se vira para o doutor.

ALEX

Foi o primeiro dia de aula na faculdade. Eu encontrei o Junior na entrada. Eu tentei passar despercebido mas ele me viu. Ele me chamou e eu não respondi, queria sair logo dali. Então ele gritou "Ô BASTARDO! TÁ ME ESCUTANDO NÃO? TÔ FALANDO COM VOCÊ".

Ele grita, imitando o acontecimento, como se estivesse encarnando o jeito de Junior.

DR. MEDINA  
E o que você fez?

Alex continua de costas para Medina.

ALEX  
Eu fui pra cima dele. E bati muito nele. Ele nunca foi páreo pra mim. Os amigos dele até tentaram me parar, mas você sabe, ninguém para um cão com sede de sangue.

Ouvimos o prazer em sua voz ao contar o que aconteceu.

ALEX  
Então a polícia do Campus precisou intervir. E me levaram pra casa.

DR. MEDINA  
E como o Billy reagiu quando você chegou em casa?

Alex finalmente se vira para encarar Medina. Ele tem um sorriso malicioso no rosto. Medina fica nitidamente incomodado com sua postura. Alex parece ameaçador, porém continua parado em frente a janela.

ALEX  
Você faz perguntas demais, doutor.

Percebemos que a raiva em sua voz foi substituída por um tom frio e ameaçador, assim como sua postura.

ALEX  
Me sinto em um interrogatório com o Billy. Ele também faz perguntas demais. Sempre intruso.

Alex olha para Medina como se o analisasse. Medina continua visivelmente desconfortável, apesar de tentar esconder.

ALEX  
Olhando para você dessa forma, vocês se parecem bastante.

Alex permanece parado em frente a janela. Um breve silêncio se instala enquanto eles se encaram.

ALEX  
Quando eu cheguei em casa, ele já esperava por mim.



CORTA PARA A RUA EM FRENTE A CASA DE ANG  
CORTAN PARA A  
(FLASHBACK)

Uma viatura da polícia para em frente a casa. As luzes da casa estão acesas, podemos ver pelas janelas. Em uma das janelas da casa vemos Billy abrindo uma cortina para observar que está acontecendo lá fora. Um policial sai do carro e abre a porta de trás do veículo. Alex sai do carro, visivelmente com medo pelo que está por vir. A porta da casa se abre e vemos Billy esperando. O policial acompanhado de Alex até a porta. Nas casas vizinhas, vemos algumas pessoas observando a situação de suas janelas e sacadas.

BILLY  
Mais uma briga?

Billy parece calmo e simpático. Percebemos que ele e o policial já se conhecem e aquela situação não é a primeira vez que acontece. Alex está visivelmente tenso e não olha Billy nos olhos.

POLICIAL 1  
Mais uma.

BILLY  
Ah, garoto.

Diz sorrindo para Alex, em tom de advertência carinhosa.

Alex continua evitando encarar Billy.

POLICIAL 1  
Só vim deixar ele aqui. A universidade já deixou outra advertência com ele. Toma jeito, rapaz.

BILLY  
Ele vai tomar. Vou conversar com ele direitinho. Obrigado mais uma vez.

POLICIAL 1  
Por nada.

O policial acena com cabeça e se vira para ir embora.

Alex entra.

Billy fecha a porta e vai até a janela. Ele observa o policial entrar no carro e ir embora. Então ele fecha a

cortina e vira para Alex, que está em pé na sala, claramente assustado. A postura de Billy muda completamente.

BILLY

O que você fez dessa vez?

ALEX

Nada! Eu juro que não fiz nada.

BILLY

Mentiroso como sempre.

Billy agarra Alex pelos braços e o puxa para perto com violência.

BILLY

Você vai abrir essa boca e me contar o que aconteceu na faculdade.

ALEX

Eu já te disse que não aconteceu nada, Billy.

BILLY

NÃO? Então por que uma viatura da polícia teve que te trazer na porta de casa? Agora virou delinquente, é? O bairro todo viu você sendo entregue aqui. As pessoas comentam, amanhã só vão falar sobre isso.

ALEX

Que falem!

BILLY

Que falem?

Billy está furioso.

ALEX

Aham. Como se eu fosse o único assunto do bairro. Como se todo mundo não falasse sobre você e suas bebedeiras. Chegando de madrugada em casa, quebrando tudo, gritando. Todo mundo sabe muito bem o tipo de cara que você é.

Billy dá um tapa com força na cara de Alex, que cai no chão.

Angela e Marcus entram na sala correndo. Alarmados.

ANGELA

O que está acontecendo aqui?

BILLY

Seu filho, Angela, precisa aprender a me respeitar.

ALEX

Primeiro você precisa se dar ao respeito antes de exigir isso de alguém, Billy.

MARCUS

Para! Não irrita ele, Alex.

ALEX

Cala essa boca, Marcus. Essa briga é minha.

ANGELA

Meu filho, levanta do chão.

Alex levanta. Angela se aproxima dele, se colocando na frente do filho.

ANGELA

Você precisa se acalmar, Billy!

BILLY

Você sabe o quê ele fez?

ANGELA

Sei, a diretora me ligou.

BILLY

Esse moleque é uma pedra no sapato. O pai dele foi muito esperto em sair daqui.

ALEX

Não abre essa boca pra falar do meu pai. Você não sabe nada sobre ele!

BILLY

Eu sei que ele tinha medo de você e foi por isso que ele fugiu.

ANGELA

CALA ESSA BOCA, BILLY!

BILLY

Tá na hora de você parar de proteger esse garoto.

Billy começa a tirar o cinto das calças.

ALEX

Do que ele está falando, mãe?

Billy empurra Angela para longe. Ele prende o cinto em volta do pescoço de Alex e o puxa para longe da mãe. Alex cai de joelhos e Billy faz força para sufocar ele.

ANGELA

Billy, para! Solta ele!

MARCUS

Alex!

BILLY

Seu pai fez a coisa certa em te abandonar. Você é um monstro e vai pagar por isso.

Alex tenta se soltar, mas está ficando sem ar.

ANGELA

Solta ele.

Ela parte para cima de Billy e o empurra. Alex consegue se soltar e se arrasta para longe de Billy, desesperado e sem ar, com o pescoço vermelho. Marcus se ajoelha no chão para amparar Alex.

Billy empurra Angela para outro lado e ela cai no chão.

BILLY

Ele precisa saber quem manda nessa casa.

ANGELA

Ele é meu filho, Billy.

BILLY

Que você nunca soube educar direito. Ele precisa aprender a ser homem.

ALEX

E é você que vai me ensinar isso? Irônico, não?

MARCUS

Alex.

Ele sussurra no ouvido de Alex, como advertência.

BILLY

Essa surra você não vai esquecer,  
moleque.

Billy avança para Alex com o cinto na mão. Alex tenta se proteger com as mãos.

ANGELA

NÃO!

### **CORTA DE VOLTA PARA O ESCRITÓRIO DO DR. MEDINA**

Alex continua parado em frente a janela.

DR. MEDINA

Eu não sabia que Billy era um homem violento. Não é assim que sua mãe me falou dele.

ALEX

Claro que não. Ela não quer que ninguém saiba que ela mantém um homem abusivo dentro de casa. Assim o problema sempre vai parecer só eu.

DR. MEDINA

Então ele realmente te bate?

Medina parece incrédulo.

Alex vai até a mesa do escritório, que está atrás da poltrona do Doutor. Ele observa a foto de família e pega o porta retrato. Medina o observa.

ALEX

Você ama a sua família, Doutor?

DR. MEDINA

Isso não é sobre mim. Estamos aqui para falar sobre você.

ALEX

Eu sei. Mas você ama? Eu aposto que sim.

Medina pensa antes de responder.

DR. MEDINA

Claro.

ALEX

Que bom.

DR. MEDINA

Mas me diga. Ele te bate?

Alex para de olhar para a foto e vira para Medina.

ALEX

Você duvida?

DR. MEDINA

Se for como você está me contando, eu preciso reportar isso. Você não pode sofrer esse tipo de abuso.

Alex coloca o porta retrato de volta na mesa.

ALEX

Você acha?

Ele questiona com cinismo.

DR. MEDINA

Eu preciso que você converse sério comigo. O que você está me contando é muito grave. Ele precisa responder pelos atos dele.

ALEX

Doutor, eu não quero o Billy na cadeia.

DR. MEDINA

Não?

ALEX

Não. Se ele for pra cadeia, os presos vão fazer ele passar por coisas horríveis. Os presos vão fazer ele sofrer e pagar por todo o mal que me fez. Mas e eu? Cadê a minha parte

nisso?

DR. MEDINA

O que você quer dizer com isso?

ALEX

Doutor, eu cresci no meio da maldade. Bondade ou pureza nenhuma seria capaz de sobreviver ali.

DR. MEDINA

Toda maldade é fraqueza.

ALEX

Não. Bondade e maldade estão em todas as pessoas. Nós só optamos por usar um ou outro dependendo dos interesses que estão em jogo.

DR. MEDINA

Isso é um jogo pra você? De vingança?

Alex olha para o relógio na parede.

ALEX

Nosso horário acabou. Essa história fica pra próxima sessão.

Alex vai em direção a porta e sai, batendo a porta.

CENA 17. EXT. RUA/ÔNIBUS. NOITE.

Dr. Medina sai de seu consultório e tranca a porta. Desce as escadas e tranca o portão. Ele desce a rua em direção ao ponto de ônibus.

Alex o segue de longe.

O ônibus chega e Medina entra. Alex espera algumas pessoas entrarem e entra por último.

CORTA PARA O ÔNIBUS PARANDO EM UMA RUA.

Medina desce do ônibus e Alex desce logo depois. Continua o seguindo a uma distância segura. Medina para em frente uma casa com as luzes acesas, destranca a porta e entra.

Alex se aproxima de uma janela para ver uma criança correndo em direção ao Doutor. Ele pega a menina no colo e dá um beijo

no rosto dela. A esposa entra na sala sorrindo para o marido. Alex observa.

CENA 18. INT. PADARIA. NOITE.

Alex e Marcus estão sentados em uma mesa na padaria. Marcus está bebendo um suco e Alex um refrigerante.

MARCUS

O que ele sabe?

ALEX

Muita coisa.

MARCUS

Até aquilo?

ALEX

Claro que não!

MARCUS

Então o que você contou pra ele, exatamente?

ALEX

Contei sobre a mamãe. Falei do Billy e de quando ele me machucou. E que não sei nada sobre o papai.

MARCUS

Uma hora ele vai entender tudo, Alex.

ALEX

Como? Eu só estou dando as informações que ele precisa saber.

Marcus parece ansioso.

MARCUS

Eu estou com medo.

ALEX

Você sempre está com medo, Marcus.

MARCUS

Isso é perigoso. Eu não quero fazer mais isso.



ALEX

Você não tem que querer nada. Deixa tudo comigo que ninguém vai perceber nada. O Doutor tem algo que eu preciso, eu só ainda não tive a oportunidade de tirar isso dele. Assim que eu conseguir, eu falo pra mamãe que eu não quero mais ver o Dr. Medina e pronto.

MARCUS

Eu preciso de ajuda, Alex.

ALEX

Você confia em mim? Pra ajudar a gente.

MARCUS

Eu...

Alex segura a mão de Marcus.

ALEX

Você sabe que sempre pode contar comigo, não sabe? Eu sempre vou estar do seu lado. E agora que eu preciso de você, você vai virar as costas pra mim?

MARCUS

Não. Nunca.

ALEX

Então faremos um pacto. Eu guardo o seu segredo e você guarda o meu.

MARCUS

Tudo bem.

Ele afirma relutante.

ALEX

Você quer ver o papai de novo?

MARCUS

Quero!

Alex aperta a mão de Marcus com carinho.

ALEX

Então acredite que eu posso fazer isso

acontecer. Eu só preciso de tempo. Ok?

MARCUS

Ok.

Alex sorri com carinho para Marcus.

CENA 19. INT. CASA/SALA. NOITE.

Angela está na sala, andando em círculos. Desesperada e nervosa. Ela traga um cigarro incessantemente. Parece exausta, com os cabelos bagunçados. Ouvimos barulho de coisas quebrando em outro ambiente e a voz de Billy gritando coisas inaudíveis. Angela olha para suas mãos, tremendo. Marcus e Alex chegam em casa.

ALEX

Ah, não!

Alex e Marcus correm em direção ao quarto. Alex entra. Marcus olha para dentro do quarto e corre até a sala, atrás de sua mãe.

MARCUS

Mãe, você precisa ele parar. Ele está quebrando tudo no meu quarto. Ele perdeu o controle.

ANGELA

Eu não posso, Marcus. Eu não posso.

Angela começa a chorar.

MARCUS

Pode sim.

ANGELA

Meu filho, se ele sair daqui de casa, nós não vamos ter o que comer. Ele que sustenta tudo nessa casa. Ele que paga as contas, compra comida.

MARCUS

Você pode fazer isso também.

ANGELA

Não posso, meu filho. Ele não quer que eu trabalhe. Diz que eu preciso ficar aqui e cuidar da casa. Cuidar de você.

MARCUS

Porque ele não quer que você tenha  
independência e precise sempre dele.

Mais barulho de coisas quebrando. Ouvimos a voz de Alex  
gritar de dor. Marcus sai correndo da sala.

ANGELA

Não enfrenta ele, meu filho. Não vale  
a pena.

Angela continua chorando copiosamente. Ela se senta no sofá,  
visivelmente exausta e nervosa. Suas mãos continuam tremendo,  
mas ela nunca larga o cigarro. A gritaria se intensifica no  
fundo. Ela coloca as mãos nas orelhas para bloquear o som.  
Fecha os olhos e balança a cabeça, como se quisesse escapar  
da realidade.

ANGELA

Eu não aguento isso. Meu deus, eu não  
aguento mais.

Alex entra desesperado na sala e se ajoelha aos pés dela no  
sofá. Ele puxa as mãos dela pra baixo, a forçando a olhar  
para ele.

ALEX

Mãe, isso precisa acabar. O Billy  
precisa ir embora.

Angela coloca as mãos no rosto dele, o encarando com  
lágrimas nos olhos.

ANGELA

Fica aqui. Não volta pra lá.

Ouvimos Marcus gritando de dor.

ALEX

Isso já foi longe demais.

ANGELA

Querido...

ALEX

Isso tem que acabar. A qualquer custo.

Alex se levanta e sai correndo da sala em direção ao quarto.  
Angela chora ainda mais.

CENA 20. INT. QUARTO/CASA. NOITE.

Marcus e Alex olham para toda a bagunça do quarto. Vários objetos quebrados. Roupas jogadas no chão.

MARCUS

Olha o que ele fez.

Marcus vai pegando alguns objetos e os colocando em seus lugares.

MARCUS

Que horror, Alex.

Alex está parado olhando para a destruição que Billy causou. Ele parece arrasado.

Marcus vê que seu espelho está rachado. Ele para em frente o espelho e se olha no reflexo.

ALEX

Vou tomar um banho.

Alex sai do quarto.

Marcus sai de frente do espelho e senta em sua cama, devastado.

CENA 21. INT. BANHEIRO/CASA. NOITE

Alex está no banheiro. É um banheiro apertado com azulejos brancos velhos. O chuveiro está ligado, mas ele não entrou no banho ainda. O vapor está enchendo o banheiro, deixando tudo meio nublado. Ele tira a roupa. Parece exausto. Vemos cicatrizes em suas costas.

Alex se vira para olhar as cicatrizes no espelho. Seu olhar de exaustão se transforma em raiva. Ele continua se olhando e sua expressão é clara: determinação.

CENA 22. INT. CASA. NOITE

Todas as luzes da casa estão apagadas. A casa está silenciosa. Marcus está sentado em sua cama, de pijama. O relógio na cabeceira marca 2:31 da madrugada. Alex entra no quarto, também de pijama, silenciosamente, como quem não quer fazer barulho.

ALEX  
Eles dormiram.

Ele sussurra.

MARCUS  
Tem certeza?

ALEX  
Tenho. Dá pra ouvir o Billy roncando.  
Vamos.

Marcus levanta da cama e vai até Alex.

MARCUS  
Você acha mesmo isso uma boa ideia?

ALEX  
Marcus, até quando a gente vai tolerar  
as coisas que ele faz?

Eles continuam sussurrando. Marcus fica pensativo. Parece duvidoso.

ALEX  
Hoje ele vai aprender a nunca mais  
mexer com a gente.

Alex se vira e sai do quarto. Eles andam descalços e bem devagar para não fazerem nenhum barulho. Passam pela porta fechada do quarto de Billy e Angela. Marcus o segue pelo corredor até a cozinha.

Na cozinha, Alex se ajoelha em frente o armário embaixo da pia. Ele abre devagar a porta do armário, que range. Ambos prendem a respiração. Alex tira de dentro do armário uma panela grande. Se levanta e coloca a panela dentro da pia. Na hora que ele vai abrir a torneira, Marcus o impede.

MARCUS  
Eles vão ouvir.

ALEX  
Shhh.

Alex abre a torneira e a água começa a cair dentro da panela. Ambos ficam olhando para o corredor procurando por algum sinal de movimento vindo do quarto ou a porta abrindo. Nada. Apenas o som da água enchendo a panela. Alguns segundos depois, Alex fecha a torneira. Pega a panela cheia e coloca no fogão. Acende o fogão, que também faz um pequeno barulho.

Marcus continua observando o corredor atentamente. Ambos esperam a água ferver, em silêncio.

Depois de algum tempo, ouvimos a água borbulhando na panela. Alex desliga o fogo e pega duas toalhas de mão penduras na pia. Envolve cada uma em uma mão e pega a panela fervendo do fogo pelas alças.

ALEX

Vamos.

Ele sussurra. Marcus está com medo.

Alex começa a andar devagar em direção ao corredor, Marcus o segue. Chegando em frente ao quarto de Angela e Billy, Alex para. Vira para Marcus e balança com a cabeça em direção a porta. Marcus, sempre hesitante, coloca a mão na maçaneta. Gira devagar e começa a abrir a porta, bem devagar. Quando a porta já está quase aberta o suficiente, a madeira range alto. Marcus e Alex prendem a respiração, assustados.

Billy se revira na cama, como se reagisse ao barulho, mas não acorda. Angela sequer se mexe. Marcus encara Alex como se o questionasse se ele quer mesmo continuar. Nada na expressão de Alex indica qualquer dúvida.

Alex entra primeiro no quarto, Marcus está logo atrás dele. Eles andam silenciosamente até a cama, parando ao lado de Billy.

Alex encara Billy dormindo. Vemos ódio em seus olhos. Ele levanta a panela, mas Marcus segura seu braço. Alex olha para Marcus que está com muito medo e parece arrependido. Alex tenta se desvencilhar de Marcus quando, de repente, quebrando o silêncio, Angela grita.

ANGELA

AAAAAHHH!

Ela acorda assustada com a cena, o que faz com que Billy pule da cama e esbarre em Alex. A panela cheia de água fervendo cai no chão, a água espirrando em cima dos pés de Alex, que grita de dor.

MARCUS

Corre.

Marcus grita para Alex, que sai em direção a porta do quarto correndo. Billy corre atrás dele.

BILLY  
VEM AQUI, SEU DESGRAÇADO!

Alex corre pelo corredor em direção a cozinha. Na cozinha, ele tenta destrancar a porta para fugir, mas nesse momento Billy chega e o puxa para longe da porta, o jogando no chão.

BILLY  
Você quer me matar, seu filho da puta?

Alex vai engatinhando rapidamente em direção a sala, mas Billy chega por trás e o puxa pelo cabelo.

ALEX  
ME SOLTA!

Billy força Alex a virar de frente pra ele e dá um soco na cara dele. Alex urra de dor. Billy sobe em cima de Alex e começa a enforca-lo.

ALEX  
Seu merda. Sai de cima de mim.

Billy faz força contra Alex, mas Alex se debate desferindo socos contra o peito de Billy.

BILLY  
Eu mando nessa casa, filho da puta.

Alex consegue dar um soco na cara de Billy, que por um momento fica atordoado. Ele solta o pescoço de Alex, mas não sai de cima dele. Billy olha com fúria para Alex e devolve o soco.

CENA 23. INT. QUARTO/CASA. DIA

O despertador, marcando 15:30 da tarde, toca. Alex acorda e desliga o alarme. Ele olha para a cama de Marcus, está vazia. Alex levanta rapidamente.

CENA 24. INT. CONSULTÓRIO DR. MEDINA. DIA

Dr. Medina está sentado em sua mesa mexendo em alguns documentos. Ele segura uma caneca, bebendo café. Alguém bate na porta. Medina levanta, ainda com a caneca em mão e abre a porta.

DR. MEDINA

Marcus?

MARCUS

Posso entrar?

DR. MEDINA

Você marcou algum horário hoje?

MARCUS

Não. Mas é urgente.

Marcus parece aflito. O Doutor pensa por um segundo e checa seu relógio.

DR. MEDINA

Claro.

Marcus entra rapidamente e começa a falar desesperadamente.

MARCUS

Doutor, você precisa saber de tudo.  
Você precisa me ajudar.

DR. MEDINA

Claro, Marcus. Me conte o que está acontecendo.

MARCUS

O que você sabe?

DR. MEDINA

Sua mãe me contou algumas coisas, mas eu quero ouvir de você.

MARCUS

Na noite em que o Billy me espancou, ele tentou se vingar do Billy. Ele queria colocar um fim naquilo tudo.

Marcus está andando nervosamente pela sala enquanto despeja o que tem pra falar.

MARCUS

Eu não concordava com as atitudes dele, mas não tinha nada que eu pudesse fazer. Mas ontem a noite, ele ferveu uma panela d'água e entrou no quarto escondido. Minha mãe e o Billy estavam dormindo. Ele ia matar ele. Mas eu não pude deixar, a mamãe ia



sofrer muito.

O celular de Medina começa a tocar. Ele coloca a caneca que ainda está segurando em cima da mesa, pega o celular e checa.

DR. MEDINA

Desculpa, Marcus. Minha esposa só me liga nesse número quando é emergência. Eu já volto.

Dr. Medina entra por uma porta atrás da mesa do seu escritório, enquanto atende o telefone.

Nesse momento, Alex entra pela porta da frente. Marcus fica imediatamente nervoso. Alex parece furioso.

ALEX

O que você está fazendo?

MARCUS

Alex...

ALEX

Eu te disse pra me deixar resolver isso. Ele não pode te ajudar, irmão. Não seja ingênuo.

MARCUS

O que você vai fazer?

Alex retira um frasco do seu moletom.

ALEX

Eliminar um fardo.

Alex vai até a mesa do Doutor e despeja o conteúdo líquido do frasco dentro da caneca.

MARCUS

Não.

ALEX

Isso é pra você aprender a nunca mais agir contra mim.

Alex sai pela porta de entrada.

Medina volta para o consultório, coloca o celular na mesa. Toma um gole do seu café e senta em sua poltrona. Marcus o encara com lágrimas nos olhos.

DR. MEDINA

Me desculpa pelo inconveniente. Você estava me falando sobre algo que ele fez. Quem fez?

MARCUS

Agora é tarde demais. Desculpa, doutor.

Dr. Medina tosse uma vez.

DR. MEDINA

Desculpa pelo quê? Do que você tem medo?

A tosse do Doutor começa a ficar cada vez mais forte e ele começa a engasgar. Alex entra novamente pela porta da frente.

MARCUS

É ele. Ele me faz fazer coisas que eu não quero fazer.

Alex vai até Medina e se posiciona atrás dele.

ALEX

Esqueça essa aparência de bom garoto que ele tem, Doutor. São as vozes na cabeça dele que mandam matar você.

MARCUS

Não fui eu. Foi você.

Medina começa a cuspir sangue, manchando sua camisa. Depois ele para de respirar. Alex empurra Medina para fora da poltrona e o Doutor cai no chão, morto. Alex se senta na poltrona e apoia os pés em cima do corpo.

ALEX

Eu te avisei.

MARCUS

Isso não é culpa minha.

ALEX

É culpa sua sim. A morte dele cai na sua conta. Se você não tivesse sido idiota e imprudente, nada disso teria acontecido.

MARCUS

Ele podia ajudar a gente, Alex.

ALEX  
'Ele podia ajudar a gente, Alex''

Alex o imita com deboche. Se levanta e vai em direção a Marcus.

ALEX  
Sabe por quê isso aconteceu? Porque  
você é medíocre. Você é medíocre,  
Marcus. E eu detesto mediocridade.

Alex fala com desprezo. Marcus está abalado tentando contar as lágrimas.

Alex vai até a mesa do Doutor e começa a revirar todos os documentos.

MARCUS  
O que você está procurando?

ALEX  
Eu acho que a mamãe contou pro Doutor  
o paradeiro do papai. Acho que essa  
informação está anotada aqui em algum  
lugar na minha ficha.

Alex continua revirando todos os documentos até que encontra algo. Ele lê o documento e seus olhos brilham.

MARCUS  
O que é isso?

ALEX  
O endereço do seu progenitor.

Silêncio entre os dois.

ALEX  
Acho que não dá pra se esconder por  
muito tempo. Era só uma questão de  
tempo até eu descobrir. Isso aí foi só  
um efeito colateral.

Alex aponta para o corpo do Doutor.

MARCUS  
Vai fazer o quê agora?

ALEX  
Eu vou atrás dele. Mas primeiro vamos  
encontrar o Billy.

## CENA 25. EXT/INT. BAR. NOITE

Billy está muito bêbado em um bar de aparência decadente. Ele joga sinuca com outros homens enquanto riem e entornam cerveja.

Alex entra e vai em direção a Billy.

BILLY

Veio pra mais um round?

Billy dá um passo pra trás de tão alcoolizado. Ele mal parece conseguir ficar em pé.

ALEX

Vim.

Alex pega o taco de sinuca da mão de Billy e usa o objeto para bater na cara dele. Billy cai em cima da mesa de sinuca. Todos no bar gritam alarmados. Alex pega as chaves do carro que estão no bolso de trás de Billy e sai rapidamente.

## CORTA PARA O LADO DE FORA DO BAR

Marcus está esperando Alex ao lado do carro de Billy. É um carro velho e usado, com a pintura gasta e alguns amassados na lataria.

Alex sai do bar com as chaves na mão.

ALEX

Entra!

Alex destranca o carro e entra pelo lado do motorista. Marcus entra pelo lado do carona. Marcus o olha nervoso e Alex dá partida no carro e acelera.

## CENA 26. INT. CASA. NOITE

Angela está andando pela sala enquanto fuma um cigarro. Alex e Marcus entram em casa. Alex passa direto pela mãe e vai em direção aos quartos no corredor. Marcus chega perto dela.

ANGELA

Onde você estava? Passou horas fora de casa e não me falou onde ia. Eu fiquei muito preocupada.

MARCUS

Mãe, o Doutor morreu.

Marcus começa a chorar. Angela fica chocada com a informação.

ANGELA

Como assim? Como você sabe? Você foi lá?

Alex entra na sala.

ALEX

Onde o Billy guarda a arma dele?

ANGELA

Arma? Pra quê você quer uma arma?

ALEX

Cadê a arma? Eu preciso dela!

ANGELA

Querido, se acalme. Vai ficar tudo bem, eu prometo. Como você soube do Doutor? Alguém te ligou? Você chegou lá e descobriu o que aconteceu com ele e voltou correndo pra cá? Foi isso?

Alex permanece em silêncio.

ANGELA

Quem fez isso vai pagar pelo seu ato, meu filho. Você não precisa fazer justiça com as próprias mãos. Vão achar o culpado.

ALEX

Eu sei que vão, mãe.

Alex sai da sala em direção ao quartos de novo. Marcus está sentado no sofá, abalado.

ANGELA

Deve ter sido horrível descobrir essa notícia sozinho, meu filho.

Ela se ajoelha em frente a Marcus e o abraça.

ANGELA

Eu estou aqui com você e nós vamos passar por isso juntos.

Alex retorna com uma mochila e uma arma na mão.

ANGELA

O que você vai fazer com essa arma?

ALEX

O Billy não vai precisar dela hoje. Aliás, por quê ele mantém uma arma carregada em cima do guarda roupa de vocês?

ANGELA

Apenas por precaução. Esse é um bairro perigoso.

Alex começa a guardar algumas coisas na mochila, inclusive a arma.

ANGELA

O que você tá fazendo?

Alex ignora.

ANGELA

Me responde, agora!

Angela vira para Marcus.

ANGELA

Marcus?

Marcus olha pra ela assustado. Ela se vira para Alex.

ANGELA

O que aconteceu com o Doutor?

Ela pergunta desconfiada.

ANGELA

O que aconteceu com o Doutor? Me fala!

Ela agarra o braço de Alex.

ALEX

Ele teve o que mereceu?

Angela se desespera. Ela não quer acreditar.

ANGELA

Não, não, não ...

Alex coloca a mochila nas costas se preparando pra sair.

ANGELA

Você não vai sair daqui!

ALEX

Vou sim!

ANGELA

Me respeita. Eu sou sua mãe.

Ela arranca a mochila das costas dele.

ANGELA

Meu filho, eu não te criei assim.

ALEX

Assim como?

ANGELA

Eu te criei pra ser bom, um bom rapaz.  
Por que você está fazendo isso?

ALEX

Você nunca se importou comigo. Nunca.  
Você sempre ignorou minha presença.  
Sempre deu mais atenção pra ele.

Alex aponta para Marcus que está sentado no sofá, ainda em choque.

ALEX

Eu cansei disso.

ANGELA

Não. Desde pequeno eu sempre tentei te  
ajudar. Sempre tentei te entender.  
Entender porque você fazia as coisas  
que fazia... mas eu... eu não  
consigo... e seu pai ficou assustado  
demais para...

Ela se interrompe, com medo do que vai falar.

ALEX

Pra quê? Foi por causa de mim que ele  
foi embora, não foi? Eu fiz alguma  
coisa.

ANGELA

Não é culpa sua.

ALEX  
O que eu fiz, mãe?

ANGELA  
Meu filho...

ALEX  
Me diz, por favor!

Ele implora. Angela hesita. Marcus parece estar voltando a si.

ANGELA  
Quando você tinha cinco anos, você já demonstrava um comportamento agressivo, as professoras da pré-escola sempre me chamavam pra falar sobre seu comportamento isolado e como você atacava qualquer um que tentasse invadir o seu espaço. Eu tentava convencer seu pai de que eram os desenhos violentos que você assistia. Mas um dia seu pai e eu estávamos discutindo na cozinha, e ele estava muito nervoso, e ficava agressivo quando estava com raiva. E você estava desenhando e eu fui ver o que você tinha feito. Você tinha desenhado eu, você e seu pai. Só que o seu pai estava caído no desenho, cheio de sangue e você disse...

ALEX  
Homens maus não merecem viver.

MARCUS  
Homens maus não merecem viver.

Alex e Marcus falam ao mesmo tempo.

MARCUS  
Não.

ALEX  
Eu não...

Alex se senta no sofá, extremamente abalado.

ANGELA  
Seu pai não era um homem ruim, ele só não sabia lidar com aquilo. E ele não



esperava um filho tão cedo. Aquilo foi apenas uma desculpa pra que pudesse ir embora.

Ela observa que eles não reagem.

ALEX

Ele me odeia.

ANGELA

Ele não te odeia.

ALEX

Para de mentir pra mim. É claro que ele me odeia. Eu sou a razão dele ter ido embora. Por que você escondeu isso de mim esse tempo todo?

ANGELA

Porque isso não mudaria nada. Você não sabia o que estava fazendo.

MARCUS

Sabia sim.

ALEX

Eu não lembro disso. Eu não sabia.

ANGELA

Tudo que eu sempre quis foi te proteger. Como você não lembrava dessas coisas, eu nunca te contei, mas foi pro seu bem. Eu achei que te criando com amor você abandonaria esse... jeito.

ALEX

E trazendo o Billy pra casa foi a melhor forma que você encontrou de fazer isso? Você quis esconder isso de mim, mas você sempre soube, sempre soube a verdade.

ANGELA

Eu te coloquei para ver o Doutor Medina porque achei que ele pudesse te ajudar. Te ajudar a se controlar. A se...

ALEX

Mas você nunca contou pra ele sobre

isso.

ANGELA

Eu não...

ALEX

Você sempre quis me manter escondido, não é? Tentando me sufocar, me oprimir. Mas isso acabou. Eu estou tomando controle de mim. E eu vou colocar tudo em ordem. Já que o Billy não está aqui hoje, eu deixo ele pra depois. Vamos começar pelo papai.

ANGELA

A arma é pra isso, não é? Você vai atrás do seu pai.

ALEX

Chegou o momento de eu e ele termos uma conversa.

ANGELA

Fica aqui. Você não vai gostar do que vai encontrar lá fora. Fica aqui comigo. Eu posso te ajudar. Eu faço o que você quiser, meu filho. Você quer ir embora? Nós vamos. Pra bem longe daqui. Deixamos o Billy pra trás e saímos dessa cidade. Ninguém precisa saber o que você fez.

ALEX

Para. Você quer sempre manter as coisas sob o seu controle. Você é louca!

ANGELA

Eu só quero o seu bem.

ALEX

É tarde demais, mãe. Eu preciso acertar as contas. Eu preciso acabar com isso. Isso me aterroriza desde pequeno. Essa nuvem vive sob a minha cabeça e eu nunca consegui me livrar dela, e essa noite eu posso.

Alex se vira para ir embora.

ANGELA

Não. Não vai, por favor. Eu sou sua mãe, me escuta.

Ela implora, puxando Alex de volta.

ALEX

Me solta!

Marcus se levanta do sofá.

MARCUS

Alex!

Alex empurra Angela com força. Marcus a segura.

ANGELA

Eu não vou deixar você sair daqui. Tem uma tempestade chegando lá fora. Fica aqui, vamos conversar sobre isso direito. Eu te levo embora.

Alex tira um lenço da mochila e coloca um líquido sobre ele.

ALEX

Desculpa.

Alex força o lenço contra o nariz dela, que se debate nos braços de Marcus enquanto vai perdendo as forças. Angela desmaia. Marcus a coloca delicadamente deitada no sofá.

MARCUS

Você não devia ter feito isso.

ALEX

Vamos embora.

Alex puxa Marcus pelo braço e eles saem.

CENA 27. EXT/INT. RUA/CASA DO PAI. NOITE.

Em uma rua de um bairro de classe média-alta, tudo está silencioso. Maioria das casas da rua estão com as luzes apagadas. Um carro velho entra na rua e para em frente uma casa branca de dois andares. Dentro do carro, Alex e Marcus.

Alex abaixa a janela e observa a casa.

ALEX

É aqui.

MARCUS

Tem certeza?

ALEX

Tenho. É o número que está na ficha.

Ambos observam a casa. Alex pega a mochila, tira a arma de dentro dela e a coloca no bolso do moletom. Depois tira algumas ferramentas de dentro da mochila.

ALEX

Vamos.

Na hora que Alex abre a porta do carro, Marcus segura seu braço.

MARCUS

Alex, ainda dá tempo de desistir.

ALEX

Eu não quero desistir. Olha tudo que a gente já fez pra chegar até aqui. Você não quer ver seu pai?

Marcus não responde. Alex sai do carro e Marcus também. Eles andam em silêncio pelo gramado que leva até a porta da casa. Alex usa as ferramentas que trouxe para arrombar a porta. Ele quebra a fechadura e a porta abre. Silêncio. Nenhum alarme. Alex fica aliviado.

Alex coloca as ferramentas no chão e entra na casa. Marcus o segue. Alex fecha a porta.

A sala é grande e bem arrumada. Os móveis são bonitos e a TV é grande e fina. As paredes são da cor creme. A cozinha, que fica ao lado da sala, também é espaçosa e bonita. Alex vai passando pelo ambiente observando tudo com muita dor. Marcus também está abatido pelo que vê.

No canto da sala, uma escada leva até o andar de cima. Alex e Marcus sobem as escadas. Chegando no corredor do segundo andar, eles veem algumas portas. Uma delas está aberta e dá pra ver um banheiro. Ao longo do corredor, quadros pendurados.

Eles andam pelo corredor silenciosamente. Marcus começa a tremer e soluçar, não conseguindo conter as lágrimas. Alex fica nervoso com medo de serem ouvidos. Alex puxa Marcus para

dentro do banheiro e coloca as mãos na boca de Marcus.

ALEX

Calado.

Diz sussurrando.

Alex pega a chave da porta do lado de dentro do banheiro e sai, trancando Marcus do lado de dentro.

MARCUS

Alex, não.

Marcus sussurra também, mas Alex já fechou a porta.

Alex vê mais duas portas ao longo do corredor. Ele decide entrar na primeira depois do banheiro.

Em um quarto escuro, com a janela aberta e a luz da lua iluminando o local, um homem e uma mulher estão dormindo em uma cama de casal. Alex se aproxima do pai, o observando dormir. O homem tem um semblante leve e a mulher deitada ao lado dele parece ser alguns anos mais jovem que o marido. Alex tira a arma de dentro do casaco.

#### **CORTA PARA O BANHEIRO ONDE MARCUS ESTÁ PRESO**

Marcus chora e treme compulsivamente. Seu choro vai ficando cada vez mais alto. Ele não consegue controlar. Marcus encara a porta e começa a bater na porta com força, fazendo muito barulho, querendo sair.

#### **CORTA PARA ALEX NO QUARTO**

No quarto, o silêncio continua. Alex aponta a arma para a cabeça do pai, ainda dormindo. Ele analisa o pai enquanto coloca o dedo no gatilho, mas ainda não aperta. O ódio é pulsante em seus olhos.

Na hora que ele vai atirar, Alex vê um vulto passando no corredor. Ele abaixa a arma e segue o vulto. Saindo do quarto, ele segue o rapaz que está descendo as escadas. Alex passa pela porta do banheiro, que está fechada, porém não ouvimos barulho nenhum.

Ele desce as escadas atrás do rapaz, que está de pijamas.

Chegando na sala, o rapaz vê a porta arrombada. Nesse momento, antes que ele pudesse reagir, Alex coloca a arma em sua cabeça e cala sua boca com a outra mão.

Alex leva o rapaz até a cozinha. O rapaz está com as mãos para o alto.

ALEX

Eu vou te soltar, mas se você gritar,  
eu atiro. Entendeu?

O rapaz consente com a cabeça.

Alex o solta e o rapaz se afasta dele, se virando de frente pra ele. Alex percebe que o rapaz é adolescente ainda.

ALEX

Quem é você?

CAIO

Meu nome é Caio.

Caio está com muito medo e continua com as mãos pra cima, em redenção.

ALEX

Você mora aqui?

CAIO

Moro.

Alex começa a ficar tenso. Ele abre e fecha os olhos o tempo todo como se estivesse tentando se concentrar no que está acontecendo.

ALEX

Quem são aqueles lá em cima?

CAIO

São meus pais.

Alex fica tremendamente abalado. Ele coloca uma mão contra a cabeça e fecha os olhos.

ALEX

Não pode ser. Não pode ser.

Caio está confuso. Alex volta a olhar para o rapaz, dessa vez com lágrimas nos olhos. As lágrimas caem enquanto ele continua apontando a arma para Caio. Ambos em silêncio. A dor nos olhos de Alex vão rapidamente se transformando em fúria.

Alex aperta o gatilho e atira no peito de Caio, que imediatamente cai no chão, sangrando muito.

Em questão de segundos, ouvimos passos correndo pela escada. Alex corre em direção a uma segunda entrada da cozinha, que dá em direção a sala, para não esbarrar com eles.

ELENA

NÃÃÃÃO!!

Elena grita ao ver seu filho caído no chão. Ela se joga no chão para amparar o filho.

ELENA

ROBERTO, CHAMA A AMBULÂNCIA. ELE ESTÁ MORRENDO!

Alex sobe correndo a escada. Os dois não o viram.

No corredor, Alex destranca a porta para Marcus, que sai lá de dentro suado e exausto. Alex pega a mão de Marcus e o puxa correndo até as escadas. Eles descem, e enquanto estão correndo em direção a porta, passando pela entrada da cozinha, Alex encara por alguns segundos seu pai, que está no chão, fazendo pressão em cima do ferimento de Caio, com as mãos cheias de sangue. Por um segundo, Roberto parece reconhece-lo. Alex e Marcus passam correndo pela porta da sala.

#### **CORTA PARA A RUA EM FRENTE A CASA**

Na rua, muitas casas estão com as janelas acesas e algumas pessoas observam a movimentação de suas janelas. Alex e Marcus correm até o carro e entram. Alex dá partida no carro e acelera, fugindo.

CENA 28. EXT. RUA. NOITE

Alex está acelerando loucamente pela avenida, atravessando todos os sinais vermelhos no caminho. Por ser tarde, pouca movimentação nas ruas.

MARCUS

Para esse carro. A gente têm que voltar.

ALEX

Cala essa boca.

MARCUS  
Para o carro, Alex.

ALEX  
CALA ESSA BOCAAAA!

Alex grita transtornado, pisando cada vez mais no acelerador.

ALEX  
Aquele filho da puta! Desgraçado!  
Filho da puta!

Alex soca o volante violentamente enquanto grita.

MARCUS  
Para!

Marcus coloca as mãos no volante e ambos começam a brigar pela direção do carro. O carro entrando e saindo fora da mão, desgovernado.

ALEX  
Solta, Marcus.

MARCUS  
Não.

Eles perdem o controle do carro, que bate em um poste. Fumaça começa a sair do capô.

ALEX  
Olha o que você fez!

Barulho de trovão começa a ecoar no céu.

ALEX  
Nós não temos muito tempo. Vai começar a chover. Sai do carro.

Marcus permanece parado.

ALEX  
Sai do carro, idiota!

Alex empurra Marcus, que sai. Alex pega a mochila no banco de trás.

ALEX  
Vamos.

Eles saem correndo pela avenida.



## CENA 29. INT. METRÔ. NOITE

Alex e Marcus descem correndo as escadas do metrô e entram em um vagão que está quase fechando. O vagão tem algumas poucas pessoas dentro. Eles entram afobados, chamando atenção.

MARCUS

Vão pegar a gente.

ALEX

Não vão.

MARCUS

Por que você faz isso?

ALEX

Porque eu posso.

MARCUS

Alex, por favor, me escuta. O que a gente fez é errado.

Alex não responde, tentando ignorá-lo.

MARCUS

Você não acha errado?

ALEX

Eu estou cansado da sua falsa moralidade. As coisas são como são e pronto. Fica quieto!

As pessoas começam a prestar atenção na discussão dos dois, com olhares confusos.

ALEX

Fica quieto.

## CENA 30. INT. METRÔ/BANHEIRO. NOITE

Na estação de metrô, o vagão para e as portas abrem. Alex e Marcus saem. Eles seguem em direção ao banheiro.

Dentro do banheiro, Alex fecha a porta se certifica que não tem mais ninguém lá dentro.

Marcus se apoia na pia, exausto. Ele abre a torneira e começa a lavar o rosto com as mãos. Passa água na nuca. Ele se encara no espelho.

MARCUS

Isso é loucura. Nós nunca vamos conseguir sair ilesos disso.

ALEX

Você tem muita pouca fé em mim.

MARCUS

Eu não consigo fazer isso, Alex.

ALEX

Você já fez.

Eles se encaram. Marcus vai em direção a porta, mas Alex tira a arma da mochila e aponta em sua direção.

Marcus para imediatamente.

Alex começa a rir.

ALEX

Não faz essa cara. Você sabe que eu não posso fazer isso.

CENA 31. INT. CASA DA ANGELA. NOITE

Angela ainda está desmaiada no sofá. Batidas fortes ecoam pela porta.

POLICIAL

É a polícia. Abra a porta imediatamente.

Angela acorda com o barulho. Se levanta, meio zozna, e vai até a porta. Ela abre a porta.

POLICIAL

Você é a mãe de Marcus?

ANGELA

Sou.

POLICIAL

Ele está em casa?

ANGELA

Não.

## POLICIAL

Eu preciso entrar para revistar o local.

Angela sai da frente para que o policial entre. O policial entra armado. Vai passando pela sala, depois pela cozinha. Ele entra no corredor e chega até o quarto de Alex e Marcus. Abre a porta e olha para dentro do quarto, ainda com a arma em punho. Dentro do quarto, apenas uma cama de solteiro e um guarda-roupa de duas portas, além de outras mobílias, como cabeceira e um espelho rachado.

## CENA 32. EXT. RUA. NOITE.

Alex e Marcus estão correndo por uma rua vazia embaixo da chuva forte. Alex veste jeans e tênis escuros e um moletom preto, carrega uma mochila nas costas e uma arma na mão. Marcus veste jeans e tênis escuros, blusa escura e uma jaqueta, correndo sempre olhando para trás. Eles parecem desesperados. Pouco se pode ver com a rua mal iluminada e a tempestade forte caindo. As luzes das casas parecem quase todas apagadas. Eles param em frente um prédio velho e abandonado. Alex tira uma chave do bolso e abre o cadeado de metal. Levanta o portão rapidamente e ambos entram. Alex olha mais uma vez pra rua, entra e fecha o portão.

## CENA 33. INT. GALPÃO. NOITE

Alex acende a luz. Local abandonado. O galpão é grande e parece muito antigo e abandonado há muito tempo. As pinturas das paredes já estão descascando, existem goteiras em alguns pontos do teto e armários de metal quebrados ao fundo, nas paredes. O chão não tem piso. Uma mesa velha e duas cadeiras velhas se encontram no meio do local. Marcus se senta na cadeira, apoiado em cima da mesa com a cabeça nas mãos, murmurando coisas sem sentido enquanto se balança. A chuva forte balança o portão de metal, que fica rangendo ao fundo durante toda a cena. Ambos estão encharcados.

## ALEX

Acho que ninguém me viu entrar aqui.

Alex coloca a arma em cima da mesa e joga sua mochila no chão. Marcus continua se balançando e murmurando coisas sem sentido e em tom baixo e desesperado. Alex o observa, nervoso, perdendo a paciência.

ALEX

Você me ouviu? Ninguém me viu. Já pode ficar calmo.

MARCUS

Ninguém nos viu chegando aqui, mas uma hora ou outra vão nos achar e isso é culpa sua.

ALEX

Culpa minha? Seu idiota, isso é culpa dele. E outra, tantos anos depois, aquele animal não reconheceria o meu rosto.

MARCUS

Um pai sempre se lembra de um filho. É só uma questão de tempo até ele chegar até nós dois.

ALEX

Ele não é pai!

Diz agressivamente e dá um soco na mesa.

Marcus se sente atingido pelas palavras e vira de costas, magoado.

ALEX

Você não devia se sentir mal por isso. Passei anos remoendo isso dentro de mim, ouvindo piadas maldosas o tempo todo. Mas você gosta de ser o bonzinho, né?

Marcus continua de costas.

MARCUS

Isso não é sobre ser bom ou não. É sobre o que vão fazer quando descobrirem o que fizemos. O que a mamãe vai pensar? Ela não vai aguentar isso.

ALEX

Ela devia era me agradecer.

Marcus se vira pra encarar Alex, que continua de pé.

MARCUS

Isso não tem graça, sabia? É coisa

séria. Nós matamos alguém. Um menino.

ALEX

15 anos não fazem dele um menino.

MARCUS

É assassinato. Como você pode se sentir bem sobre isso?

ALEX

Eu fui lá pra isso. Ou você esqueceu? Só não matei quem deveria ter morrido também. Ele me abandonou.

MARCUS

O garoto não tinha nada a ver com isso.

Marcus age amedrontado, enquanto Alex parece viver um devaneio de fúria e ódio.

ALEX

Como não? Ele vive a vida que eu deveria estar vivendo. A casa boa e confortável, a família completa.

MARCUS

Eu não acredito que deixei você fazer isso. De novo, outro assassinato.

ALEX

Você sabe muito bem que não é capaz de controlar essas coisas. Nada disso teria acontecido se ele não tivesse nos deixado. Mas a mamãe também nunca foi santa, o pior erro dela foi ter deixado aquele crápula ir morar na nossa casa.

MARCUS

Ele ajuda ela.

ALEX

E só porque ele paga as contas, ele pode me tratar como lixo?

A raiva volta a crescer em Alex e ele solta as palavras furiosamente.

Silêncio entre os dois.

ALEX

Se eu tivesse conseguido jogar aquela panela de água fervendo no rosto dele durante a noite, nada daquilo teria acontecido. Mas você sempre recobrava a consciência.

MARCUS

Mamãe não suportaria essa perda.

ALEX

E eu que deveria pagar por isso?

MARCUS

Não é só você que paga por isso, Alex. Eu pago também. Eu também estou aqui.

Pausa.

MARCUS

Aquela foi uma das piores noites da minha vida.

ALEX

Teria sido a melhor se você não tivesse tido um surto de consciência justo naquela hora. Você ficou parado lá, olhando pra ele, e eu só podia pensar em como aquilo tudo podia finalmente acabar. Até hoje eu tenho as marcas que ele me deixou nas costas.

MARCUS

Eu sei. Eu revivo aquela noite toda vez que me olho no espelho.

Eles se encaram.

ALEX

Vamos trocar essas roupas. Estão encharcadas.

Alex vai até a mochila e tira duas camisas pretas. Entrega uma para Marcus. Eles se viram de costas e tiram as camisas molhadas. Podemos ver as cicatrizes iguais nas costas dos dois. Cada um coloca uma camisa seca.

MARCUS

Mas uma coisa eu posso admitir. O Doutor fazia perguntas demais. Mas eu

não podia contar tudo que se passa aqui dentro. Ele não podia saber de você. Ninguém pode. Então eu mentia. Eu sou bom em mentir, cresci tendo que aprender a manter você escondido.

ALEX

Era tão maçante. O pior é que eu sempre achei que a mamãe nunca soubesse de nada. Já que ela sempre passou maior parte do tempo entorpecida, e o Billy sendo outro alcoólatra, eu pensava que ela nunca havia me notado.

MARCUS

Eu...

Marcus parece ter medo do que vai dizer.

ALEX

Que foi?

MARCUS

Eu acho que a gente devia voltar.

ALEX

Voltar pra onde? Pra casa?

MARCUS

É.

ALEX

Você tá louco? Eu não posso voltar pra lá. A polícia vai procurar por mim lá.

MARCUS

Talvez a gente consiga se safar disso.

Marcus está tentando convencer Alex.

MARCUS

Talvez se contarmos sobre...

ALEX

Nós não vamos contar isso. NUNCA!

Alex está completamente furioso. Completamente fora de si. Marcus se levanta.

MARCUS

Por quê você sempre quer ter a decisão sobre tudo? Quem disse que é você que está no controle?

ALEX

EU ESTOU NO CONTROLE!

MARCUS

Não mais. Eu não vou permitir mais isso.

ALEX

E vai fazer o quê? Vai voltar pra casa e aturar mais surras do Billy?

Alex empurra Marcus, que vai indo em direção a parede. Alex tem uma expressão mista de fúria e loucura em seu olhar e atitude.

ALEX

Vai voltar pra apanhar como você sempre apanhou? Pra tentar ser o filho bonzinho?

Alex empurra Marcus com mais força.

ALEX

Você gosta disso. Agir como se eu não estivesse aqui. Mas adivinha? Você não pode!

Marcus o empurra de volta.

MARCUS

Eu posso sim. Eu não tomei essa decisão.

ALEX

Não me desafie.

Eles começam a andar em círculo. Próximo um do outro. Se rodeando e se encarando. Como se fosse uma encurralada. Marcus está nervoso e indignado, tentando bater de frente com Alex, que permanece incontrolável. A tempestade lá fora parece cada vez mais forte. O portão se debate violentamente com a ventania.

(barulhos de trovão)



MARCUS

Você planejava isso há muito tempo.

ALEX

Planejei. Eu queria ir lá e meter uma bala na cabeça daquele desgraçado que me abandonou como se eu não fosse ninguém. Queria acabar com a vida do homem que arruinou a minha. Mas eu devia ter previsto. A casa era grande demais só pra ele. Então eu não pensei duas vezes, atirei bem no peito daquele moleque.

MARCUS

E ele sabe que foi você.

ALEX

Ainda bem que viu. E eu apertaria aquele gatilho quantas vezes fosse preciso.

(barulho de trovão)

MARCUS

Eu sei que sim.

ALEX

Pena que a mulherzinha dele não parava de gritar.

Alex começa a rir loucamente.

MARCUS

Eu cansei. Eu cansei disso tudo. Cansei de viver sob o seu controle. De tentar disfarçar esse meu lado. Isso tem que acabar.

Marcus corre em direção a saída, Alex o segue e o agarra pelo braço.

ALEX

Onde você pensa que vai?

MARCUS

Eu vou me entregar. Talvez eles possam

em ajudar. Talvez eles me curem e me livram de você.

Alex agarra o pescoço de Marcus com as duas mãos e o enforca.

ALEX

Você não pode se livrar de mim.

Marcus vai sendo forçado cada vez mais ao chão, ficando de joelhos.

MARCUS

Eu não quero mais você na minha cabeça.

Alex chuta o peito de Marcus, que cai no chão. Alex sobe em cima dele rapidamente.

ALEX

ENTÃO ABRE MÃO DO CONTROLE. ME DEIXA TOMAR CONTA!

Alex enche Marcus de socos e tapas, enquanto Marcus tenta se defender.

ALEX

VOCÊ ACHA QUE AS PESSOAS LÁ FORA ACEITAM PESSOA COMO VOCÊ? VOCÊ NUNCA VAI SER NORMAL. NINGUÉM NUNCA VAI TE OLHAR SEM TER MEDO DE VOCÊ. NÃO VÃO NEM CHEGAR PERTO DE VOCÊ, SABENDO QUE EU ESTOU AQUI DENTRO.

Alex continua o espancando, enquanto Marcus tenta revidar com o resto de forças que ainda tem.

MARCUS

Eu posso exterminar você.

Marcus diz fraco.

Alex segura seu pescoço com uma mão e o rosto com a outra, arranhando o rosto de Marcus. Chega bem perto do rosto de Marcus, como se fosse o beijar. O portão continua batendo furiosamente com a força do vento e os barulhos de trovão parecem cada vez mais fortes.

ALEX

Você realmente acredita que se sair daqui e se entregar, eles vão te ajudar a se curar? E que você vai

poder viver uma vida normal? Nunca. Eu não vou te deixar.

Marcus dá um chute no meio das pernas de Alex, em seguida um tapa na cara dele e o joga pro lado. Se levanta e vai correndo em direção a mesa. Pega a arma e aponta para Alex, com as mãos tremendo. Alex olha pra ele e começa a rir descontroladamente, debochando.

ALEX

Vai me matar? Você sabe muito bem que isso não é possível. Não sem eliminar você também.

MARCUS

Você tem que parar com isso. Eu não aguento mais.

Marcus está desesperado.

ALEX

Se você me deixasse...

MARCUS

NÃO!

ALEX

Acho que nós dois sabemos que você não tem coragem de atirar em mim. Só eu tenho coragem de puxar esse gatilho.

MARCUS

Durante muito tempo eu tentei vencer você. Manter você escondido, lá no fundo da minha mente, dormindo. Mas você insistia em vir á tona.

Alex se levanta aos poucos, ainda sob a mira da arma nas mãos de Marcus.

ALEX

Então abraça isso. Você sabe que eu sou mais forte que você. Se você sucumbir a mim, não vai precisar sentir remorso por mais nada.

MARCUS

Eu não vou deixar você fazer isso. Você não tem controle. Você é mau.

ALEX

E você adora esse lado, Marcus.  
Admita.

Marcus solta a trava da arma.

MARCUS

Eu não adoro isso... Marcus.

Ele fala isso dando ênfase ao nome, instigando Alex.

ALEX

NÃO ME CHAMA ASSIM! Você sabe que eu  
odeio esse nome. Eu criei o meu  
próprio. Minha própria identidade.

Alex começa a andar em direção a Marcus.

MARCUS

PARA!

Alex para.

MARCUS

Isso vai acabar agora.

ALEX

Eu já te disse que você não pode me  
apagar.

MARCUS

Assim eu posso.

Marcus aponta a arma para a própria cabeça.

ALEX

NÃO! NÃO FAZ ISSO, MARCUS. POR FAVOR!  
NÃO FAZ ISSO!

Marcus o encara com lágrimas nos olhos.

MARCUS

Desculpa.

Alex corre em direção a Marcus. Marcus aperta o gatilho e dá  
um tiro na própria cabeça. Ambos caem mortos no chão.

O sangue começa a escorrer pelo chão da cabeça de Marcus.

Silêncio.

Apenas o barulho do portão batendo violentamente e da tempestade lá fora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOWARD, David e MABLEY, Edward. Teoria e prática do roteiro. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Globo, 1996.

FISCHER, Rodrigo Desider. Uma poética entre o cinema e o teatro: reflexões sobre a presença e a atuação cênica na obra de John Cassavetes. 2015. 212 f. Tese (Doutorado em Artes) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

MONTEIRO, Gabriela Lírio Gurgel. Teatro e Cinema: uma perspectiva histórica. ArtCultura, Uberlândia, v. 13, n. 23, p. 23-34, jul.-dez. 2011

MATSUMOTO, Roberta. Variações sobre teatro e audiovisual. Repertório, Salvador, ano 20, n.28, p.47-67, 2017.1

KAMITA, Rosana. Dramaturgia: Literatura, Cinema e Teatro. XII Congresso Internacional da ABRALIC Centro, Centros – Ética, Estética

NEWS, BBC. 'Como aprendi a viver com múltiplas personalidades'. Emma Young da BBC Future. 23 junho 2017